

## INTRODUÇÃO ÀS FONTES CLARIANAS

FREI MARCOS ROBERTO ROCHA DE CARVALHO, OFMCAP.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO AS FONTES CLARIANAS .....	3
AS FONTES DOCUMENTAIS .....	16
OS MÉTODOS DE LEITURA DAS FONTES.....	18
AS FONTES CLARIANAS.....	19
ANEXO 1 – CRONOLOGIA BÁSICA.....	21
ANEXO 2 – QUADROS NA CAPA DESTA APOSTILA – DETALHES.....	24
ABREVIATURAS E EXPRESSÕES.....	24
REFERÊNCIAS E SUGESTÕES PARA APROFUNDAMENTO .....	25

## INTRODUÇÃO ÀS FONTES CLARIANAS

Desejamos oferecer ao leitor um breve texto com conteúdos básicos e importantes para seu primeiro contato e guia no *caminho* do conhecimento da pessoa de **Clara de Assis** através de suas fontes documentais.

Um estudo aprofundado das Fontes Clarianas requer do estudioso algumas noções prévias sobre a vida da Santa de Assis e sobre o contexto em que ela viveu. Com este material, desejamos oferecer ao leitor um breve texto com conteúdos básicos e importantes para seu primeiro contato e guia no *caminho* do conhecimento da pessoa de Clara de Assis e de sua espiritualidade através de suas *fontes*.

Clara de Favarone nasceu provavelmente em 20 de janeiro<sup>1</sup> de 1193, em Assis, na região da Úmbria, na Itália, e foi educada no seio de uma família nobre junto à Catedral de São Rufino (cf. ProcC I, 4<sup>2</sup>), na parte alta da cidade<sup>3</sup>. Sua família era do grupo chamado de os *maiores*, em contraste com os *menores*. Estes últimos eram representados pelo povo<sup>4</sup>. Clara foi a primogênita do casal Favarone di Offreduccio e Hortulana<sup>5</sup>.

Sua mãe era uma pessoa caridosa e piedosa; além disso, tinha uma força interior natural e era acostumada às peregrinações, por isso até chegou a fazer viagens a Roma, ao Monte Gargano, na Itália, e à Terra Santa (cf. ProcC I, 4<sup>6</sup>).

Sabe-se que Hortulana exerceu uma influência muito forte e positiva sobre a personalidade de Clara, pois lhe mostrou o caminho de Deus, o valor da oração e da *contemplação do Cristo crucificado*, bem como a importância de estar junto aos pobres.

Para compreendermos a pessoa de Clara, não podemos enquadrá-la em nossas limitadas categorias racionais e nem projetar sobre ela as problemáticas próprias da nossa cultura contemporânea que pouco tem a ver com uma mulher cristã penitente do séc. XIII.<sup>7</sup>

Clara foi agraciada pela inteligência e dotada de um espírito aguçado. Possuía habilidades práticas, pois sabia tecer e bordar panos preciosos para os altares das igrejas e capelas. E segundo um relato no ProcC, ela foi uma jovem muito bonita (cf. ProcC XVIII, 2<sup>8</sup>). Teve duas irmãs: Catarina, a mais velha, que depois viria a ter seu nome mudado para Inês; e Beatriz, a mais nova. Ambas seguiram Clara na vida em São Damião.

E como era costume entre a maior parte da aristocracia, Clara recebeu uma excelente formação escolar dos bons mestres, ou melhor, preceptores que vinham dar aulas em casa. Expressava-se bem em latim, que era ensinado por sacerdotes<sup>9</sup> e era a língua falada em toda a Europa, mas que, aos poucos, já estava se transformando nos idiomas nacionais, como, por exemplo: o italiano, o espanhol, o francês, o português etc. Desta forma, Clara podia "*conhecer a vida dos santos e os romances de cavalaria mais em voga. A vida dos santos e os romances de cavalaria inspiravam os valores próprios da nobreza*"<sup>10</sup>.

<sup>1</sup> Cf. BOCCALI, 2013, p. 23.

<sup>2</sup> PEDROSO, 2004, p. 66.

<sup>3</sup> "O filho do burguês e a filha da nobreza crescem a poucos metros (140) de distância um do outro." (KUSTER, 2019, p. 21)

<sup>4</sup> Cf. LAINATI, 2015, p. 9.

<sup>5</sup> Hortulana é a forma registrada pelo VOLP (cf. CASTELEIRO, 2009, p. 326).

<sup>6</sup> PEDROSO, 2004, p. 66.

<sup>7</sup> Cf. ACQUADRO, 2014, p. 7.

<sup>8</sup> PEDROSO, 2004, p. 111.

<sup>9</sup> Cf. KUSTER, 2019, p. 31.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 32.

E a respeito da formação – diria global – de Clara e suas irmãs, afirma o Prof. Marco Bartoli, na apresentação da mais recente (2013) edição italiana das *Fonti Clariane*:

*"Depois que os estudos de Carlo Paolazzi definitivamente colocaram à parte as dúvidas acerca das competências linguísticas de Clara e de suas companheiras, a reflexão sobre a sua cultura e a das suas outras irmãs de São Damião pode ser retomada com maior consciência. Na realidade, elas não tinham apenas plena competência linguística, mas também teológica e espiritual para redigir textos jurídicos (como a forma vitae) e epistolares (as cartas a Inês da Boêmia). Uma cultura que, certamente não se formou junto aos estúdios teológicos da época, mas através da liturgia e da homilética, tinha atingido graus de competência e de habilidades não indiferentes. Por muitos séculos, esta cultura permaneceu como uma característica das comunidades damianitas."*<sup>11</sup>

Quando tinha uns 4 anos de idade, ela viveu um tempo fora de Assis<sup>12</sup> com sua família. Foi a época do exílio em Perugia entre 1202 e 1205<sup>13</sup>, tempo de guerra entre os plebeus ricos e os nobres. Estes últimos tiveram seus palácios praticamente destruídos.

*"Quando a maior parte da nobreza de Assis se recusou a integrar a comuna – um ordenamento comunal democrático –, estalou a guerra civil. Os homini Populi, a gente do povo, expulsaram da cidade os dirigentes da nobreza, cujos membros, conscientes da sua superioridade, se denominavam boni homines. [...] Os conflitos desembocaram numa guerra civil entre cidades, que só haveria de acabar doze anos depois, com um tratado de paz duradouro."*<sup>14</sup>

Muitos nobres partiram para Perúgia, o lugar mais odiado por eles. Sabe-se que os filhos de Gislerio foram os primeiros a fugir de Assis, entre eles: Leonardo, Filipa, uma das pessoas mais próximas de Clara e uma das primeiras a acompanhá-la na sua vida de pobreza em São Damião<sup>15</sup>. E nem mesmo a *Fortaleza Maior*<sup>16</sup> escapou da fúria do povo.

Assis passava por um momento de transformação, pois vislumbrava uma emancipação política, ou seja, certa independência municipal<sup>17</sup>. Além do mais, *"as novidades socioeconômicas e políticas dos inícios do século XIII eram motivos de grandes tensões, já que introduziam na pirâmide feudal<sup>18</sup> uma instabilidade social de papéis e funções"*<sup>19</sup>.

*"Um elemento de grande novidade dentro do tecido social medieval do fim do século XII foi o afirmar-se, de um modo sempre mais evidente, da categoria social dos mercatores, com a riqueza deles não mais ligada a terra, como garantia de nobreza, mas à disponibilidade monetária."*<sup>20</sup>

<sup>11</sup> BOCCALI, 2013, p. 15, trad. nossa, grifo do autor.

<sup>12</sup> *"No século XII, Assis assistiu a um desenvolvimento muito rápido: a nobreza, dona de grande parte das propriedades nos arredores, ocupa a parte superior da cidade romana e constrói aí os seus castelos. Na parte baixa da cidade de Assis instala-se a classe burguesa, que cresce rapidamente. Formada por artesãos, desenvolve-se numa muito eficaz divisão de tarefas."* (KUSTER, 2019, p. 20)

<sup>13</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>15</sup> LAINATI, 2015, p. 15.

<sup>16</sup> A fortaleza que fica no alto da cidade de Assis.

<sup>17</sup> Cf. LAINATI, 2015, p. 9.

<sup>18</sup> *"Os ideais do homem e da mulher medievais estavam, de certa forma, ligados a uma dupla série de valores, cada uma delas definida por 3 categorias ou estados sociais: os homens estavam emblematicamente divididos em bellatores, oratores e laboratores, enquanto as mulheres se distinguem em virgens, mães e viúvas"* (cf. MARANESI, 2015, p. 11-12, trad. nossa, grifo do autor).

<sup>19</sup> MARANESI, 2015, p. 13, trad. nossa.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 13, trad. nossa, grifo do autor.

A luta social estava encoberta e impulsionou *"os nobres a vigiar, com armas à mão, suas famílias e seus bens, por eventuais surtos de rebelião e, como prevenção, manter abertos os caminhos aos povoados onde pudessem encontrar refúgio"*<sup>21</sup>. Nessa temporada em Perugia, muitos cavaleiros lhe prestam serviço. Dentre eles está Monaldo, tio de Clara e primogênito da linhagem<sup>22</sup>. Lá Clara também fez muitas amizades com: Balbina, Amata, Benvinda etc.

Segundo as *fontes franciscanas*, a igreja da Porciúncula já havia sido restaurada pelo jovem Francisco, filho de Pedro de Bernardone, e seus companheiros, em 1209. As *fontes* nos contam que, enquanto os frades trabalhavam na restauração de São Damião, um dia Clara mandou sua amiga Bona de Guelfucio levar-lhes dinheiro para comprar carne (cf. ProcC XVII, 7<sup>23</sup>).

Dentre tantos fatos significativos da vida de Clara, destacamos os encontros que, entre os anos de 1210 e 1211 (cf. ProcC XVI, 3; XX, 6; LSC 5), ela teve com Francisco<sup>24</sup>, cuja figura *"permanecerá nas palavras da Santa sempre o elemento identificador fundamental para a própria autoconsciência"*<sup>25</sup>.

Tudo era feito às escondidas de seus parentes: *"o Bispo, que tinha aconselhado Francisco, dispõe-se a ceder um espaço na sua residência da cidade baixa, para os encontros discretos"*<sup>26</sup>. Mas Clara era acompanhada de sua fiel amiga Bona de Guelfuccio (cf. ProcC XVII, 3<sup>27</sup>). Francisco também não estava só, foi acompanhado de frei Filipe Longo (cf. ProcC XVII, 3<sup>28</sup>). Naquela época, ela tinha 17, e ele, 29 anos.

E segundo a mentalidade da sociedade de então<sup>29</sup>, uma moça nobre dessa idade já deveria estar bem casada (cf. ProcC XIX, 2<sup>30</sup>), pois, um matrimônio entre nobres era um bom negócio, afinal de contas, novas alianças garantiriam fortuna e poder à sua família!

Em suma, aquele ano foi muitíssimo importante para a formação e para o discernimento de Clara, quando pôde viver momentos singulares com Francisco, o qual, a partir da sua pregação na Catedral de São Rufino, em 1209, direcionou Clara no caminho de Jesus Cristo. Melhor dizendo: o caminho de Francisco será o mesmo de Clara, porém, ela

*"teve de encarar um desafio ainda mais difícil, tendo tido de encontrar e organizar uma forma feminina na qual recusar um sonho que parecia mais adequado aos homens do que às mulheres medievais da classe nobre, condicionadas às regras sociais dificilmente conciliáveis com a novidade evangélica abraçada por Francisco e pelos seus companheiros"*<sup>31</sup>.

E um dos testemunhos de vida que a fez pensar foi o de seu primo Rufino, que havia se tornado um irmão menor com Francisco. Recordemos que, naquele tempo, Francisco já havia conseguido a aprovação oral do seu estilo de vida pelo PP. Inocência III<sup>32</sup>. Sabemos que Francisco

<sup>21</sup> LAINATI, 2015, p. 10.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>23</sup> PEDROSO, 2004, p. 111.

<sup>24</sup> *"Francisco pertencia integralmente às novidades que estavam soprando sobre toda a Europa e, em particular, na Itália: filho de um rico mercante, destinado primeiramente a uma escalada social a caminho da nobreza cavaleiresca, e depois profundamente envolvido no movimento evangélico laical do anúncio 'pauperístico' do Evangelho"* (MARANESI, 2015, p. 15, trad. nossa).

<sup>25</sup> MARANESI, 2015, p. 6, trad. nossa.

<sup>26</sup> KUSTER, 2019, p. 66.

<sup>27</sup> PEDROSO, 2004, p. 110.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 111.

<sup>29</sup> *"O papel feminino no contexto medieval era compreendido e avaliado a partir do seu serviço à vida, ou seja, em base à sua 'função situação-sexual'. Seria possível dizer, então, que a mulher se identificava com seu corpo e, a partir dele, obtinha o próprio valor e a própria posição social"* (MARANESI, 2015, p. 15, trad. nossa).

<sup>30</sup> PEDROSO, 2004, p. 112-113.

<sup>31</sup> MARANESI, 2015, p. 7-8, trad. nossa.

<sup>32</sup> O PP. Inocência III foi eleito em 8 de janeiro de 1198. Chamava-se Lotário e pertencia aos condes de Segni.

era amigo do bispo de Assis, D. Guido I, e que até pregava na catedral. Quanto aos cavaleiros, estes não o viam com bons olhos, pois o consideravam doido!

Clara havia partilhado com o bispo sobre seus planos. Depois de amadurecer sua reflexão, sua decisão e de ter acertado tudo com Francisco, o qual muito provavelmente contou também com a ajuda de D. Guido I, Clara, acompanhada de algumas pessoas de sua confiança, fugiu de casa na noite de Domingo de Ramos<sup>33</sup>, dia 27-28 de março de 1211, que, para nós, será o marco referencial a partir de agora. Durante a missa na Catedral de São Rufino, foi o próprio bispo quem lhe entregou a palma, em sinal de que tudo já estava pronto, de que o plano de fuga já poderia ser concretizado! Bastava-lhe agora dar o passo decisivo!

Tendo ultrapassado os muros de Assis, Clara foi acolhida por Francisco e seus frades durante uma celebração em Santa Maria da Porciúncula, onde ela se consagrou a Deus (cf. ProcC XII, 4<sup>34</sup>). Todos a receberam com tochas acesas. Francisco cortou-lhe os cabelos, e sua atitude se tratou "*de um gesto forte de ruptura, pensado em acordo com Francisco e provavelmente com o bispo (Guido I)*"<sup>35</sup>. Ali ela recebeu a veste de irmã menor, de dama pobre. Depois de ter vendido seus bens (cf. ProcC XII, 3<sup>36</sup>), assumiu para si, como uma virgem<sup>37</sup> pobre, *a riqueza do matrimônio místico com Cristo* por toda a vida! Seu sim foi proferido para sempre!

*"No rosto de Francisco, [Clara] havia encontrado a síntese de uma nova identidade evangélica; agora se tratava de encontrar e de defender os próprios traços de mulher cristã no seu desejo de tornar-se uma 'irmã pobre'."*<sup>38</sup>

De acordo com Chiara A. Acquadro, a *Plantinha* abriu mão de um caminho seguro de santidade, o da vida religiosa tradicional, para abraçar um novo que se abre sobre uma estrada ainda não percorrida. Clara não usou metáforas bíblicas para descrever a sua vocação, porém [...], apesar disso, a mais indicada seria a da vida de Abraão, o pai da nossa fé, que partiu sem saber para onde o Senhor o teria levado<sup>39</sup>.

E naturalmente a presença da jovem Clara na fraternidade gerou dúvidas entre os frades (cf. RNB 12, 3-4), especialmente pelo fato de ela ter pertencido à nobreza, pois "*a acolhida de mulheres no seio da fraternidade, para Francisco, poderia mudar as características desta, fazendo aparecer problemas extremamente complexos*"<sup>40</sup>. Aliás, o momento mais difícil da vida de Clara foi o da mudança de *status*, isto é, passar da nobreza (a *nobilitas*) a uma condição socialmente desprezada (a *vilitas*)<sup>41</sup>.

<sup>33</sup> "Antigamente, durante os primeiros séculos do cristianismo, o Domingo de Ramos era um dia em que se expunham oficialmente as verdades da fé e as normas da moral cristã aos catecúmenos que deveriam receber o Batismo no sábado seguinte. Francisco escolhe esse dia para a doação de Clara a Deus, exatamente o Domingo de Ramos, que também dará à jovem uma norma: a de 'renunciar a si mesma', de que fala Cristo (cf. Mt 16,24). Clara demonstrará que nenhuma outra norma, como aquela da renúncia a si mesma, está por trás da promessa de Cristo: '... e a vossa alegria, ninguém poderá tirá-la' (Jo 16,22)" (LAINATI, 2015, p. 32).

<sup>34</sup> PEDROSO, 2004, p. 102.

<sup>35</sup> CASAGRANDE, 2011, p. 38, trad. nossa.

<sup>36</sup> PEDROSO, 2004, p. 102.

<sup>37</sup> "A *virgindade*, como estado de pureza e integridade do corpo feminino, era de fato um ideal que toda mulher deveria entender bem, para interromper as dinâmicas do pecado que foi suscitado por Eva, e que impulsionou Adão ao pecado no qual todos os homens foram envolvidos. Então, o valor-escolha da virgindade representava o retorno ao estado de perfeição antes da queda, em uma situação feminina que teria permitido também ao homem uma perfeição moral: a integridade da mulher era motivo da virtude do homem, além de ser a honra do marido" (MARANESI, 2015, p. 16, trad. nossa, grifo do autor).

<sup>38</sup> MARANESI, 2015, p. 39, trad. nossa.

<sup>39</sup> Cf. ACQUADRO, 2014, p. 24.

<sup>40</sup> BARTOLI, 1998, p. 57, grifo nosso.

<sup>41</sup> Cf. ACQUADRO, 2014, p. 35.

Esta situação plasmou toda a existência de Clara, não só o modo de abordar a sua forma de vida evangélica e penitencial, mas também transformou a sua interioridade, o seu jeito de viver com o Senhor, de contemplá-lo e de amá-lo. De fato, foi olhando a *kénosis*<sup>42</sup> de Jesus que ela pôde dar um grande salto, passando da *nobilitas* à experiência dolorosa da *vilitas*<sup>43</sup>.

No dia posterior ao Domingo de Ramos, Clara foi encaminhada por Francisco e os frades<sup>44</sup> ao mosteiro de São Paulo das Abadessas<sup>45</sup> (cf. ProcC XII, 4<sup>46</sup>) em Bastia, que, como todos os outros, gozava do direito de asilo<sup>47</sup>. Francisco agiu prudentemente, pois previa a reação da família de Clara, sobretudo a de seu tio Monaldo – e sua tropa –, que tentou agir agressivamente contra ela (cf. ProcC XII, 4<sup>48</sup>), mas Clara procurou segurança dentro da Igreja (cf. LSC 9<sup>49</sup>), pois, se ali agissem com violência, seriam excomungados!

E todos temiam a excomunhão do PP. Inocência III! Ela, portanto, agarrou-se à toalha do altar e ali mesmo tirou o véu, mostrando-lhes a cabeça raspada em sinal de consagração a Deus. Clara ficou ali por um curto período (cf. ProcC XII, 5<sup>50</sup>).

*"A Leggenda indica o lugar simplesmente como 'igreja di S. Paulo', mas a indicação certa com S. Paulo das Abadessas é possível graças ao testemunho de Beatriz, irmã de Clara: 'Et poi la menò alla chiesa de Sancto Paulo de Abbatissis'. Não aparece o termo monasterium, mas fontes documentárias da mesma época sustentam na região a presença de um monasterium Sancti Pauli ancillorum Dei: assim se exprime a bula de Inocência III de 1198 endereçada ao bispo de Assis (Guido I)..."*<sup>51</sup>

Passado algum tempo, Francisco e os confrades Filipe e Bernardo de Quintavalle (cf. ProcC XII, 5<sup>52</sup>), que era um frade emblemático e o primogênito entre os irmãos, levaram Clara para a capelinha Santo Ângelo de Panço<sup>53</sup>, que ficava no meio do bosque, nas encostas do Monte Subasio e próxima da cidade cerca de 3 quilômetros.

Lá mulheres leigas buscavam uma nova forma de vida religiosa não monacal e seguiam a via da penitência<sup>54</sup>. Sobre este último aspecto, Anton Rotzetter acredita que ali *"Clara já encontra, em grandes traços, a forma de vida que lhe é interiormente adequada e que ela há de levar consigo para São Damião"*<sup>55</sup>.

<sup>42</sup> Diz respeito ao esvaziamento, ao despojamento de Jesus, que, sendo de condição divina e sem perder a sua identidade, não se apegou a ela para ir ao encontro do outro (cf. Fl 2, 4-8).

<sup>43</sup> Cf. ACQUADRO, 2014, p. 39.

<sup>44</sup> *"Com toda a certeza que os irmãos informaram a Abadessa sobre os planos de Clara e, provavelmente, com a colaboração do bispo, conseguiram que a comunidade aceitasse receber Clara provisoriamente."* (KUSTER, 2019, p. 68)

<sup>45</sup> *"A antiga igreja da abadia de S. Paulo das Abadessas, em Bastia Umbra, é hoje a igreja do cemitério. As beneditinas vivem atualmente no centro da cidade, zelando pela igreja. Ali se conserva ainda o pedestal do antigo altar, onde Clara se agarrou quando reclamou o direito de asilo, perante a família."* (KUSTER, 2019, p. 69)

<sup>46</sup> PEDROSO, 2004, p. 102-103.

<sup>47</sup> Cf. LAINATI, 2015, p. 39.

<sup>48</sup> PEDROSO, 2004, p. 103.

<sup>49</sup> Ibidem, p. 123.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 113.

<sup>51</sup> CASAGRANDE, 2011, p. 39, trad. nossa.

<sup>52</sup> PEDROSO, 2004, p. 103.

<sup>53</sup> *"A jovem comunidade de Santo Ângelo de Panzo era constituída por jovens irmãs, que viviam uma forma nova de vida consagrada: uma espécie de beguinato rural, sem proteção e sem estrutura definida. Oriundas dos meios rurais, as irmãs ajudavam nos trabalhos das famílias, vivendo do fruto do seu trabalho e das ofertas que as pessoas lhes faziam."* (KUSTER, 2019, p. 71)

<sup>54</sup> Cf. ROTZETTER, 1994, p. 77.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 77.

Contudo, uma surpresa estava para acontecer: Catarina, irmã carnal de Clara, também se decidiu por abraçar o Cristo pobre, e 15 dias após Clara ter deixado a casa paterna, ela foi acolhida na fraternidade<sup>56</sup>. Clara a amava com todo o seu ser! O tio Monaldo e sua tropa usaram de violência, avançaram contra Catarina, mas não conseguiram convencê-la nem levá-la de volta para a casa (cf. LSC 24-26<sup>57</sup>).

Serão Clara e Inês as duas primeiras filhas e irmãs espirituais de Francisco, o qual, segundo consta na "*Crônica dos XXIV Gerais*"<sup>58</sup> e por causa da mansidão de Catarina, mudou seu nome para Inês, que quer dizer *cordeirinho*.

Alguns meses mais tarde, Francisco levou-as para São Damião<sup>59</sup>, para onde veio também Pacífica de Guelfuccio, irmã mais velha de Bona e companheira de Clara. A antiga capelinha ficava na zona rural de Assis e estava abandonada já havia algum tempo. Mas foi restaurada por Francisco, que ali ouviu o Crucificado falar com ele: "*Francisco, vai e repara minha casa que, como vês, está toda destruída*" (2Cel 6, 10)<sup>60</sup>. Ao longo da vida das irmãs pobres, o claustro daquela humilde igreja viria se tornar o leito nupcial onde se consumaria o matrimônio místico entre elas e Jesus Cristo, o Esposo.

*"Com a mudança para São Damião, as irmãs ficavam só a 800 metros da porta da cidade, sob a proteção direta do bispo. A pequena capela oferecia-lhes o mínimo de estrutura. O sacerdote, Pedro de nome, que recebeu Francisco, já não morava ali. As três irmãs instalaram-se com as condições mínimas que a casa pobre lhes oferecia. O lugar assemelhava-se em tudo à Porciúncula, mas ficava mais perto de Assis."*<sup>61</sup>

E conforme se lê em uma carta de 1216, escrita por Jacques de Vitry em Gênova, enquanto ele se dirigia para o Oriente, Francisco e Clara constituíam uma só realidade, ou seja, um grupo chamado a viver o Evangelho<sup>62</sup> com uma única inspiração franciscana, composta de duas dimensões distintas e complementares: uma contemplativa aberta à Palavra e outra ativa que testemunha essa mesma Palavra<sup>63</sup>.

<sup>56</sup> "Clara reitera o pertencimento de São Damião e dos poucos conventos que observam o seu estilo de vida à primeira Ordem. A Regra confirma esta situação: corrobora, nas suas primeiras linhas, a «obediência» aos «sucessores» de Francisco, que integra irmãs e irmãos na mesma fraternidade" (KREIDLER-KOS; RÖTTGER; KUSTER, 2008, p. 134, trad. nossa).

<sup>57</sup> PEDROSO, 2004, p. 133-135.

<sup>58</sup> "Post haec vero beatus Franciscus ipsam manibus suis totondi et hoc nomen, scilicet Agnes, sibi imposuit, quia pro innocente Agno, scilicet Iesu Christo, qui pro nobis immolatus est, fortiter restitit et viriliter dimicavit" (CHRONICA, 1897, p. 175).

<sup>59</sup> "Naquele lugar e na forma de vida que ali se conduzia, a Santa não queria criar algo que se tornasse referência para outros grupos femininos, ou seja, não queria dar vida a um movimento ou a uma Ordem. O desejo de Clara era simplesmente viver com as suas irmãs, em São Damião, o que o Senhor, através de Francisco, havia revelado a ela. A prova de tudo isso se dá mesmo na aprovação da Regra, obtida por Clara perto da sua morte: aquele texto valia apenas para São Damião, e para a Santa isso bastava [...]. São Damião, de fato, pertencia, de qualquer forma, aos 'lugares' de Francisco, junto com Rivortorto e com a Porciúncula. Nele reinavam as mesmas características dos outros dois lugares: simples, situado ao lado da cidade e próximo aos peregrinos; juntamente com os outros dois lugares, São Damião era caracterizado pela pobreza e oferecia a disponibilidade para hospedar todos aqueles que por ali passavam. [...] Além de tudo, é possível supor que São Damião teria evitado ao grupo das irmãs aqueles perigos 'heréticos' de uma presença 'na estrada' de mulheres evangélicas envolvidas como alguns homens na pregação do Evangelho. [...] São Damião realizava, porém, uma espécie de conciliação entre a adesão a um sonho e a salvaguarda do estado protegido que toda mulher nobre deveria realizar para assegurar a sua integridade e a sua justa posição na Igreja" (MARANESI, 2015, p. 52; 54-55, trad. nossa).

<sup>60</sup> SILVEIRA, 1996, p. 294.

<sup>61</sup> KUSTER, 2019, p. 72.

<sup>62</sup> Cf. LAINATI, 2015, p. 47-48.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 60.

Não podemos nos esquecer de que a vida de Clara esteve inserida num contexto histórico e eclesial bem específico e amplo. Por isso, em 1215, o Concílio de Latrão IV determinou que não houvesse mais a criação de novas regras de vida religiosa. A partir daquele instante, dever-se-ia observar a regra dos monges beneditinos, tida, sem dúvida alguma, como um santo caminho de vida.

Assim, em 1216, pressionada por Francisco e obediente a ele, Clara aceitou a RSB<sup>64</sup> e o cargo de abadessa<sup>65</sup> (cf. ProcC I, 6<sup>66</sup>), mas solicitou ao PP. Inocêncio III o *Privilégio da Pobreza*, um documento que lhe era precioso e de altíssimo significado.

*"Portanto, como haveis suplicado, corroboramos o vosso propósito da mais alta pobreza com o favor apostólico, concedendo-vos com a autoridade da presente, que não possais ser por ninguém obrigadas a receber propriedades."*<sup>67</sup>

Em 17 de setembro de 1228, o PP. Gregório IX confirma o *Privilégio da Pobreza*:

*"Assim, confirmamos como pedistes, com o favor apostólico, o vosso propósito da mais alta pobreza, concedendo-vos em força deste documento que não possais ser por ninguém obrigadas a receber propriedades. Por isso, a absolutamente ninguém seja permitido infringir esta página de nossa concessão ou agir contra ela com temerária ousadia. Se alguém presumir fazê-lo, saiba que vai incorrer na indignação de Deus Onipotente e dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo."*<sup>68</sup>

Para Clara e suas irmãs, o fundamental era não possuir nada, ou melhor, não ter nada de próprio! Sabemos hoje que, Clara é mencionada pela primeira vez como abadessa e São Damião como um mosteiro, no cabeçalho de uma carta do PP. Gregório IX, de 22 de novembro de 1229, descoberta no arquivo nacional de Graz, em 2011:

*"Gregório, bispo, servo dos servos de Deus, a suas filhas amadas em Cristo, Clara, abadessa do mosteiro de São Damião, em Assis, e suas irmãs, presentes e futuras, que professam a vida regular para sempre."*<sup>69</sup>

O mosteiro de São Damião<sup>70</sup> era um lugar retirado, onde florescia um tipo de vida contemplativa, caracterizada também pela dimensão social e pelo cotidiano, que era muito simples e marcado pela vida fraterna<sup>71</sup>, pela oração e pelos trabalhos manuais.

<sup>64</sup> A RSB "é comumente reconhecida como escola que conduz à perfeição das virtudes com a característica de uma extrema discrição. Ela foi adotada com grande devoção, desde os inícios, por santos monges e fundadores de Ordens; foi aprovada e recomendada pela cúria romana". (ZOPPETTI; BARTOLI, 1994, p. 313, trad. nossa)

<sup>65</sup> "Esta ocorrência pode ser explicada também sem que haja necessidade de apelar para o concílio. Já desde 1214, Francisco reconhece a necessidade de uma organização institucional: uma comunidade que está crescendo precisa ser dividida em unidades menores (...). A nomeação de Clara para o 'regimento e governo' das irmãs demonstra-se, neste contexto, como um processo necessário no quadro da história intrafranciscana: uma comunidade que cresce exige estruturas, subdivisões, articulações, ou seja, comunidades locais e grupos regionais. Noutras palavras, em São Damião ocorre uma mudança de superior. Até agora Francisco fora o responsável por todos, o 'ministro', como é denominado o superior da 'fraternidade' franciscana; agora São Damião recebe, de certa forma, a sua autonomia: Clara, a instâncias de São Francisco, torna-se a primeira superiora, 'ministra'" (ROTZETTER, 1994, p. 113).

<sup>66</sup> PEDROSO, 2004, p. 66-67.

<sup>67</sup> Ibidem, p. 216, grifo nosso.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 228, grifo nosso.

<sup>69</sup> KUSTER, 2019, p. 192.

<sup>70</sup> "Da morte do Pobre de Assis até à de Clara, São Damião foi, sem dúvida, o principal lugar de resistência às mudanças profundas que afetavam o movimento franciscano em todas as suas formas e, por outro lado, a própria imagem de Francisco." (VAUCHEZ, 2013, p. 226-227, grifo nosso)

*"Clara vive a mesma atitude de vida, com suas irmãs, em São Damião. Partilha com o povo da cidade e do vale de Espoletto tudo o que tem para partilhar: tempo e amor, preocupações e esperanças, comida e roupa, o material e o espiritual. [...] Nas refeições da solidão do convento, as irmãs sentem-se unidas ao povo da cidade, que partilha com elas os pedaços de pão. É a comunhão entre os vizinhos, que vivem a arte da partilha, unidos para além dos muros da cidade e do hospício, das classes e dos níveis sociais, e que abrem as portas do coração."*<sup>72</sup>

Clara e suas irmãs viviam do mínimo necessário. A alimentação era escassa, o frio era intenso, e provavelmente as condições de saúde não eram tão boas. A vida era muito austera! E talvez por essa razão e por ser ainda muito jovem Clara tenha começado a ficar habitualmente doente, já em 1224 (cf. ProcC I, 11<sup>73</sup>), dois anos antes da morte de Francisco, em 1226.

*"Também Clara foi imprudente durante muito tempo. Arruinou a saúde, e desde 1224 até a morte, esteve gravemente doente durante largos períodos. Os sintomas apontavam para reumatismo crónico, que a mantinha de cama durante vários dias ou até semanas."*<sup>74</sup>

A partida definitiva do Pobre de Assis foi um duro golpe para Clara, pois ela havia perdido o seu grande amigo e pai, ou melhor, o mestre que a havia colocado nos caminhos do Senhor.

Para Clara, esta foi uma das piores provas de sua existência, sobretudo do ponto de vista carismático, porque, com a morte de seu pai e mestre, ela *"entra na solidão do coração e na solidão do carisma"*<sup>75</sup>. Depois disso, Clara ainda viveu 27 anos!

Clara estabeleceu uma relação estreita e profundamente afetiva também com o PP. Gregório IX, sobrinho do PP. Inocêncio III, que fez dele um grande diplomata. Ainda cardeal, chamava-se Hugolino<sup>76</sup>, foi conde de Segni e bispo da cidade de Óstia.

Hugolino, a pedido do PP. Honório III<sup>77</sup>, foi o legado papal responsável por supervisionar os movimentos religiosos femininos de inspiração evangélica que eclodiam na Itália central<sup>78</sup> e, em 1219<sup>79</sup>, escreveu uma espécie de constituição que regulamentava a *forma de vida* de São Damião,

*"que se encontra ainda em uma situação de evolução institucional: professa pro forma a Regra beneditina, fazendo parte do Ordo monasticus, junto com a forma vivendi do Cardeal Hugolino – que olhava com muito interesse a comunidade de Clara e a tinha estabelecido com cabeça e modelo da Ordem das Pobres Damas de São Damião – e ao mesmo tempo segue as diretivas evangélicas dadas por Francisco na sua forma vivendi e nos outros escritos"*<sup>80</sup>.

Na verdade, este regulamento foi uma adaptação da antiga RSB àquela situação nascente, mas ela ignorava completamente o chamado à vida pobre e fraterna. Tinha apenas um valor jurídico e não acrescentava nada à vida das irmãs. O Card. Hugolino, certamente, pretendia salvar

<sup>71</sup> *"A partilha dos inícios acompanhou toda a vida de Clara, fazendo de suas irmãs o objeto de seus cuidados maternos e o sujeito partícipe de suas decisões e da vida da comunidade"* (MARANESI; GUIDA, 2019, p. 168-169, trad. nossa).

<sup>72</sup> KUSTER, 2019, p. 169.

<sup>73</sup> PEDROSO, 2004, p. 68.

<sup>74</sup> KUSTER, 2019, p. 137.

<sup>75</sup> ACQUADRO, 2014, p. 73, trad. nossa.

<sup>76</sup> Nasceu, em 1170, em Anagni, estudou teologia em Paris e direito em Bolonha.

<sup>77</sup> Foi ele quem confirmou definitivamente a regra franciscana, em 1223.

<sup>78</sup> Para aprofundar o assunto: cf. BENKE, 2011, p. 99-108.

<sup>79</sup> *"É possível supor que, ou seja, a partir de 1219, tenha se desenvolvido, dentro de São Damião, de modo sempre mais evidente, uma tensão entre duas perspectivas dificilmente conciliáveis: o valor absoluto da clausura para a visão papal e o valor irrenunciável do 'privilégio da pobreza' abraçado por Clara em obediência a Francisco"* (MARANESI, 2015, p. 61, trad. nossa).

<sup>80</sup> ACQUADRO, 2014, p. 73-74, trad. nossa.

o concílio e a política de seu tio, o PP. Inocêncio III<sup>81</sup>. Este documento ficou conhecido como *Regra de Hugolino* (= RH), cujos objetivos de fundo eram:

*"de uma parte, confirmar a natureza 'claustral' da mulher, mediante uma sacralização das dinâmicas sociais segundo as quais [...] a vida da mulher deveria se desenvolver entre as paredes domésticas ou entre os muros monásticos; de outra parte, recusar as tentativas de alguns novos movimentos evangélicos que permitiam à mulher estar na estrada como os homens"*<sup>82</sup>.

No ano seguinte, durante a Semana Santa, mais precisamente no dia 29 de março de 1220, ou seja, no dia da Páscoa, o Card. Hugolino visitou São Damião, e ficou impressionado com Clara e com o estilo de vida que viu lá, conforme nos relata em um trecho de uma preciosa e surpreendente carta, e provavelmente teve *"a intenção de associar esta comunidade à sua ordem nascente e de introduzir ali a Forma vitæ"*<sup>83</sup>:

*"Querida irmã em Cristo. Desde que a necessidade de voltar me privou de teus santos colóquios e me arrancou daquela alegria dos tesouros celestes, invadiu-me tanto amargura do coração, abundância de lágrimas e uma dor tão insuportável que, se não encontrar aos pés de Jesus a consolação da habitual piedade, tenho medo de cair sempre em tais angústias que meu espírito talvez desfaleça e minha alma se derreta. Com razão, pois, tendo celebrado a Páscoa contigo e com as outras servas de Cristo, sinto falta daquela alegria gloriosa de quando falava convosco sobre o Corpo de Cristo (...). O senhor Papa não irá agora a Assis, mas vou aproveitar qualquer oportunidade para ver-te e a tuas irmãs. Saúda a virgem Inês, minha irmã, e todas as tuas irmãs em Cristo. Amém."*<sup>84</sup>

O Card. Hugolino entendeu que a experiência vivida em São Damião era diferente, peculiar, exemplar e mais organizada do que as outras, pois o grupo de Clara já estava em processo de estruturação em torno da *forma de vida* e das *observâncias regulares*. Estas últimas, a propósito, foram as primeiras *regras* para que se desse início à nova vida.

*"É difícil dizer o que são as 'observâncias regulares', mas podemos considerá-las como um tipo de normas concretas de vida, nascidas provavelmente da síntese entre os conselhos de Francisco e do bispo Guido e das necessidades da vida quotidiana em São Damião. [...] As observâncias regulares deviam, portanto, organizar, de modo flexível, o andamento da vida fraterna e, toda vez que, no texto da Regra, encontramos a expressão «utilidade comum», podemos supor que se trate de um costume que vigorava em São Damião, justamente por causa do espírito de fraternidade que ali reinava."*<sup>85</sup>

Em São Damião, o cotidiano da vida fraterna foi pontuado pelo confronto constante da própria vida, pelas lutas e pela entrega de Clara a Jesus na pessoa de cada irmã que com ela vivia. Ele também foi o contexto vital, onde foi gerada a forma de vida das Senhoras Pobres.<sup>86</sup>

São Damião presenciou momentos felizes, mas também tribulações difíceis e situações de indigência. Clara e suas irmãs aprenderam que *"onde há maior pobreza e tribulações, há mais espaço para viver o mistério pascal, há mais espaço para a caridade, pois, através dela, Deus vem morar em nossos corações"*<sup>87</sup>.

<sup>81</sup> Cf. ROTZETTER, 1994, p. 138.

<sup>82</sup> MARANESI, 2015, p. 20-21, trad. nossa.

<sup>83</sup> ERASMI, 2008, p. 49, trad. nossa.

<sup>84</sup> Cf. ROTZETTER, 1994, p. 138.

<sup>85</sup> ERASMI, 2008, p. 46-47, trad. nossa.

<sup>86</sup> Cf. ACQUADRO, 2014, p. 99.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 98, trad. nossa.

Em 16 de julho de 1228, o Card. Hugolino, agora PP. Gregório IX, esteve em Assis para a canonização de Francisco, visitou São Damião (cf. ProcC II, 22<sup>88</sup>) e insistiu para que Clara recebesse propriedades, mesmo que ele tivesse de dispensá-la do voto de pobreza. Ela, porém, resistiu e disse-lhe que não queria ser liberada de seguira pobreza de Jesus Cristo, a quem tanto amava (cf. ProcC I, 13; II, 22<sup>89</sup>). Ainda em 1228, precisamente dia 17 de setembro, com a bula *Sicut manifestum est*, renovou-se por escrito o *Privilégio da Pobreza* de 1216.

Sem dúvida, o PP. Gregório IX não conseguiu compreender em profundidade a escolha radical de Clara. Outro episódio que envolveu sua figura foi aquele quando o papa, em 1230, proibiu os frades de irem ao mosteiro de Clara. Ela resistiu-lhe e conseguiu uma mudança depois de fazer uma *greve de fome* (cf. LSC 37<sup>90</sup>).

Em 1230, Clara pôs essa questão em pauta, porque o problema que a preocupava era a assistência ao mosteiro. Durante o capítulo de Assis, em Pentecostes de 1230, os frades não conseguiam chegar a um acordo sobre a interpretação de alguns pontos da *Regra Bulada* e sobre o valor jurídico do *Test*. Assim, constituiu-se uma delegação de frades, que colocaram as questões não resolvidas sob a avaliação do papa.

E a comunidade de Clara continuou a crescer. Para lá vieram outras irmãs: Beatriz, sua irmã carnal, em 1229; também sua mãe Hortulana, quase na mesma época, já que seu esposo havia falecido. E não poderíamos deixar de falar de uma das grandes amigas de Clara: Inês de Praga.

De linhagem real, Inês era filha de Otocar I, rei da Boêmia (atual República Tcheca), e foi educada na corte. Assimilou os valores cristãos desde a mais tenra idade e, orientada por Santa Hedvigis da Silésia para que tivesse uma boa conduta de vida, compreendeu que *ser nobre significava abraçar uma vida de santidade*<sup>91</sup>.

Depois conheceu os Frades Menores, que foram missionários em seu país. Em 1230, após a morte de seu pai, ela decidiu abraçar a mesma vida das irmãs de São Damião, que consistia na contemplação de Jesus Cristo pobre até se transformar em uma plena filha de Deus.

Clara e Inês trocaram muitas cartas entre si, mas apenas 4 sobreviveram e chegaram até nós. Ambas nunca se conheceram pessoalmente, mas cultivaram entre elas mesmas uma profunda e sincera amizade. Sobre Inês, diz Clara com toda a liberdade: "*À outra metade da minha alma, singular sacrário do meu cordial amor, à ilustre rainha, esposa do Cordeiro, Rei eterno, dona Inês, minha caríssima mãe e filha, especial entre todas as outras...*" (4CtIn 2)<sup>92</sup>.

Filha do seu tempo, Clara não foi uma pessoa desligada do mundo, alheia à realidade local. Ao contrário do que se pode pensar, ela sempre esteve ligada à sua terra natal: Assis, que sempre lhe foi muito grata, porque, em setembro de 1240, ela defendeu seu mosteiro e a cidade da tentativa de assalto dos sarracenos<sup>93</sup> (cf. ProcC II, 20<sup>94</sup>).

No ano seguinte, em 22 de junho de 1241, inimigos contratados pelo Imp. Frederico II, da Alemanha, sob o comando de Vital de Aversa, assediaram Assis (cf. ProcC III, 19<sup>95</sup>). Mas, orando e

<sup>88</sup> PEDROSO, 2004, p. 75.

<sup>89</sup> Ibidem, p. 68; 75.

<sup>90</sup> Ibidem, p. 140-141.

<sup>91</sup> Cf. ROTZETTER, 1994, p. 205.

<sup>92</sup> PEDROSO, 2004, p. 55.

<sup>93</sup> "*Trata-se de um evento ao qual as crônicas históricas não se referem. Como já notava Ezio Franceschini, o assalto contra São Damião, conduzido certamente por um pequeno número de soldados, não tinha alguma importância, do ponto de vista militar. Era, provavelmente, um dos tantos atos de banditismo que toda guerra inevitavelmente traz consigo. Aqueles soldados, evidentemente, não procuravam despojos de guerra, em São Damião, mas as irmãs bem sabiam o que teria significado para elas a entrada de tais homens no mosteiro*" (FUSCIELLO, 2015, p. 61, trad. nossa).

<sup>94</sup> PEDROSO, 2004, p. 75.

<sup>95</sup> Ibidem, p. 80.

jejuando juntamente com suas irmãs, Clara libertou a cidade daquele mal (cf. ProcC IX, 3; XVIII, 6<sup>96</sup>).

Em 6 de agosto de 1247, com a bula *Cum omnis vera religio*, o PP. Inocêncio IV promulgou uma nova regra para as Damas Pobres de São Damião, e nisso Clara viu a possibilidade de sua *forma de vida* nunca ser aprovada, cujo núcleo é o mesmo da regra dos Frades Menores. Alguns dias depois (17), o papa a impôs a todos os mosteiros. Mas em que consistia esta Regra?

No fundo, ela foi um desdobramento da RH e uma tentativa de responder às solicitações de Inês de Praga; conservou a fórmula mais antiga da profissão das irmãs; estabeleceu um laço mais estreito entre os frades e a Ordem de São Damião; prescreveu sobre o uso de roupas, sobre o dormitório comum, sobre a arquitetura; concedeu uma licença geral ao médico para que ele tivesse acesso à clausura, etc.<sup>97</sup>

Eis um trecho do preâmbulo da forma de vida:

*"Por isso, filhas diletas no Senhor, como por inspiração da graça divina resolvestes caminhar pelo caminho árduo e estreito que leva à vida, inclinados para vossas piedosas preces, concedemos que vós e as que vos sucederem observem a Regra de São Francisco, apenas quanto aos três pontos: obediência, renúncia da propriedade em particular e castidade perpétua, como também a Forma de Vida, descrita neste documento e segundo a qual decidistes viver especialmente. Por autoridade apostólica estabelecemos que a mesma seja observada para sempre, em cada um dos mosteiros da vossa Ordem."*<sup>98</sup>

Porém, o que realmente escandalizou Clara foi a abertura para receber e ter em comum rendas e posses, retendo-as com liberdade. Em razão disso é que ela resistiu! Porém, nem todos os mosteiros aceitaram-na, apenas alguns alemães. Constata-se, portanto, que *lex non acceptata non obligat*, ou seja: *a lei que não foi aceita não obriga*. É por isso que, em 6 de junho de 1250, o PP. Inocêncio IV viu-se obrigado a declarar publicamente que ninguém fosse forçado a observar sua regra.<sup>99</sup>

*"Nós, querendo que sirvam ao Altíssimo observando a regra pela qual possam merecer mais facilmente os gozos da vida eterna, mandamos à tua Fraternidade, por carta apostólica, na medida em que queremos tenhas o costumeiro cuidado das referidas abadessas e monjas e também de seus mosteiros, que não permitas que elas sejam obrigadas a aceitar e observar de modo algum a referida regra nova, ou a antiga assim mudada, mas possam observar a que receberam na fundação de sua Ordem, se por ela se conseguir maior utilidade de suas almas."*<sup>100</sup>

E para garantir, então, a sobrevivência do carisma, Clara redigiu seu testamento, um texto de caráter memorial e um dos mais belos escritos seus, onde ela deixou a síntese de seus ideais e de sua vida junto às suas irmãs. Hoje os estudiosos concordam que o *TestC*<sup>101</sup> é o *clamor pela sobrevivência* do legado de Francisco para o movimento por ele iniciado.

*"No Testamento, Clara afirma o seu Ego, a sua responsabilidade pessoal em primeira pessoa, no declarar e defender aquilo que para ela é fundamental e irrenunciável: o vínculo com Francisco e a vida em pobreza, sobre os quais se coloca a fidelidade à vocação recebida."*

<sup>96</sup> Ibidem, p. 95; 112.

<sup>97</sup> Para conhecer o texto da Regra do PP. Inocêncio IV, consulte o texto em: PEDROSO, 2004, p. 306-320.

<sup>98</sup> PEDROSO, 2004, p. 307.

<sup>99</sup> Cf. ROTZETTER, 1994, p. 262-269.

<sup>100</sup> PEDROSO, 2004, p. 259.

<sup>101</sup> "[...] o *Testamento* constitui um importante instrumento hermenêutico para determinar quais sejam os laços temáticos fundamentais da *Regra*" (MARANESI, 2015, p. 73, trad. nossa, grifo do autor).

[...] Clara afirma o seu *Ego* em relação a Cristo e às irmãs, de quem é ancila, e a Francisco, de quem é plantinha; um *Ego* destinado a proteger o dom da vocação recebida do Senhor através de seu servo Francisco. Clara é a primeira responsável pela vida na santíssima pobreza, que representa a herança mais importante deixada a elas: a sua fiel observância será o modo mais autêntico de manter vivo o vínculo com o fundador [...].<sup>102</sup>

Aliás, a grandeza da discípula de Francisco está no fato de ela ter conseguido afirmar o carisma, do qual era portadora como um dom de Deus para a Igreja. Ela viveu tudo isso como um modo de se conformar a Jesus e de estar sempre e mais profundamente unida a ele, passo a passo, até a identificação plena do fim<sup>103</sup>.

E não só isso: ela escolheu e se manteve fiel à Altíssima Pobreza sem se fechar à novidade da institucionalização, pois conseguiu aceitar as mudanças e garantir sua fidelidade às intuições das origens. Em síntese, assumindo para si e suas irmãs a Altíssima Pobreza, ela fez uma escolha teologal e não tanto sociológica<sup>104</sup>. E também soube integrar carisma e instituição sendo dócil ao Espírito<sup>105</sup>.

Em 1248, Reinaldo de Jenne, sobrinho do PP. Gregório IX, foi confirmado como o cardeal protetor dos Frades Menores e das Damas Pobres. Por volta de 1250-1251, agravou-se o estado de saúde de Clara. Em 8 de setembro de 1252, o Card. Reinaldo de Jenne, amigo de Clara por quase 30 anos, visitou-a. Deu a ela a sagrada comunhão e proferiu um sermão à comunidade ali presente.

Clara não titubeou. Aproveitou a ocasião e pediu ao cardeal que intercedesse por ela junto ao papa para que lhe confirmasse para sempre a sua forma de vida, isto é, uma regra toda especial, com características próprias alicerçadas sobre a Santíssima Pobreza e que incluía o núcleo primitivo da Regra de São Francisco. Assim, em 16 de setembro de 1252, estando em Perugia, o Card. de Óstia confortou Clara e aprovou, com a carta *Quia vos*, em primeira instância, a sua *forma de vida*.

Na continuidade da história, o ano de 1253 ocupou um lugar de destaque na vida de Clara e suas irmãs, pois muitos fatos aconteceram:

- no início do ano, Inês retornou de Monticelli para São Damião;
- no dia 27 de abril, o PP. Inocêncio IV, vindo de Perugia, passou em Assis<sup>106</sup>;
- em meados de maio, o PP. Inocêncio IV visitou, pela primeira vez, Clara doente;
- em meados de julho, Clara escreveu a 4CtIn;
- entre 6 e 8 de agosto, o PP. Inocêncio IV visitou, pela segunda vez, Clara doente;
- no dia 8 de agosto, Clara fala com a sua alma<sup>107</sup> (cf. ProcC III, 20-22<sup>108</sup>); ir. Benvinda de Diambra teve uma visão, na qual Maria, a Mãe de Deus, acompanhada de santas virgens, descia do céu para o dormitório onde estava Clara (ProcC XI, 3-4):

*"A testemunha também disse que, na noite da sexta para o sábado, três dias antes da morte da senhora Santa Clara, de feliz memória, estava sentada com outras Irmãs junto ao*

<sup>102</sup> MARANESI; GUIDA, 2019, p. 179-180, trad. nossa, grifo do autor.

<sup>103</sup> Cf. ACQUADRO, 2014, p. 10.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>105</sup> Ibidem, p. 49.

<sup>106</sup> Cf. BOCCALI, 2013, p. 26.

<sup>107</sup> "Esta visão é de grande importância. Pois, na Idade Média, se acreditava que depois da morte a alma tinha que enfrentar uma luta implacável entre os poderes do bem e do mal. Nos perigos a que, segundo se acreditava, a alma se achava exposta neste terreno fronteiro, geralmente só se pensava com terror. Com tanto mais clareza, ressaltam a grande confiança e a grande alegria de Clara em face da morte próxima: Clara está certa de que, depois da morte, nada lhe acontecerá de mau" (ROTZETTER, 1994, p. 304).

<sup>108</sup> PEDROSO, 2004, p. 80.

*leito da senhora, em lágrimas pelo trânsito de uma mãe de tal valor. [...] Então a testemunha começou a refletir na grande e maravilhosa santidade de dona Clara. [...] E enquanto a testemunha estava nessa cogitação e imaginação, viu de repente com os olhos reais uma grande multidão de virgens, vestidas de branco, todas com coroas na cabeça, que vinham e entravam pela porta da sala onde jazia Santa Clara. Entre as virgens havia uma maior que excedia tudo que se pudesse dizer, muito mais bonita do que todas as outras, com uma coroa maior que as das outras. Em cima da coroa havia um pomo de ouro do qual, como de um turbulo, saía tanto esplendor que parecia iluminar a casa toda. As virgens aproximaram-se do leito da senhora Santa Clara, e a Virgem que parecia maior foi a primeira a cobri-la na cama com um pano finíssimo, tão fino que por sua transparência dona Clara podia ser vista mesmo estando coberta com ele. Depois a Virgem das virgens, que era a maior, inclinou o seu rosto sobre o da virgem Santa Clara, ou então sobre o seu peito, pois a testemunha não pôde distinguir bem uma coisa da outra. Feito isso, todas desapareceram."<sup>109</sup>*

- no dia 9 de agosto, com a bula *Solet annuere*, o PP. Inocêncio IV aprovou a RSC para São Damião;
- no dia 10 de agosto, a bula de aprovação da forma de vida foi levada para Clara em seu leito de morte; Clara tomou-a em suas mãos e a beijou. Assim, ela passou para a história como a primeira autora de uma regra<sup>110</sup> dirigida exclusivamente a mulheres<sup>111</sup>, uma regra elaborada a partir do cotidiano da vida;
- no dia seguinte, 11 de agosto à noite, Clara morreu em São Damião. Um grande abalo para todos, ou seja, para as irmãs de São Damião e os habitantes de Assis<sup>112</sup>;

*"Quando morre, Clara retorna ao batismo, o lugar-momento do seu nascimento em Cristo! Todo o longo caminho de sequela Christi, em santa unidade e altíssima pobreza, corporalmente fechada, a trouxe aqui para descobrir-se simplesmente filha no Filho amado, para alegrar-se no sentir sobre si a mesma complacência do Pai para com o Filho."<sup>113</sup>*

- no dia 12 pela manhã, aconteceu a celebração de seus funerais presidida pelo PP. Inocêncio IV, que já se encontrava na cidade (cf. LSC 47<sup>114</sup>); no mesmo dia, seu corpo foi levado para a igreja de São Jorge;
- às pressas, foi escrita uma carta de dor e tristeza profunda, com estilo curial belo e artístico, de notificação da morte de Clara e endereçada às outras irmãs, precisamente de 110 mosteiros da Ordem; talvez seu autor seja o próprio Card. Reinaldo de Jenne:

*"O espelho da estrela da manhã, em cujo esplendor nós admirávamos o reflexo da luz verdadeira, desapareceu de nossa visão. Pereceu o báculo de nossa religião. A portadora de nossa profissão, que horror! deixou o estádio da peregrinação humana, quando Clara, nossa senhora, guia, mãe venerável e mestra, chamada pelo mensageiro que desagrega a união da carne, voou para o tálamo do Esposo celestial."<sup>115</sup>*

<sup>109</sup> Ibidem, 2004, p. 100-101.

<sup>110</sup> "[...] onde a Santa fixa as escolhas fundamentais para dar forma à vida de São Damião; ao lado deste texto, porém, é preciso pôr imediatamente o *Testamento* como instrumento hermenêutico privilegiado para ter uma compreensão da *Regra*" (MARANESI, 2015, p. 72, trad. nossa, grifo do autor).

<sup>111</sup> Cf. ROTZETTER, 1994, p. 272.

<sup>112</sup> "De imediato, o governo da cidade toma as providências que eram comuns na Idade Média: um destacamento de soldados tem que montar guarda em São Damião para que o corpo não seja raptado para outra cidade nem sofra dano de qualquer espécie" (ROTZETTER, 1994, p. 310).

<sup>113</sup> ACQUADRO, 2014, p. 111, trad. nossa.

<sup>114</sup> PEDROSO, 2004, p. 145-147.

<sup>115</sup> ROTZETTER, 1994, p. 310-311.

- em 18 de outubro, com a bula *Gloriosus Deus*, o PP. Inocêncio IV abriu o ProcC;
- de 24 a 29 de novembro, realizou-se, em Assis, o ProcC.

Mais tarde, depois da ampliação da igreja de São Jorge e de transformarem-na no mosteiro e na basílica em honra da Santa, as irmãs se transferiram de São Damião e para lá de uma vez por todas.

Clara foi elevada à glória dos altares em 15 de agosto de 1255. Sua canonização<sup>116</sup> foi celebrada pelo PP. Alexandre IV, ninguém menos do que o Card. Reinaldo de Jenne (cf. LSC 62<sup>117</sup>), na nova catedral da cidade de Anagni, perto de Roma. Por fim, a publicação da bula de sua canonização, a *Clara claris præclara*, se deu em 26 de setembro de 1255. Recordamos também que entre os anos de 1255-1260, frei Tomás de Celano redigiu a legenda oficial de Clara *Admirabilis femina*.

Em 1260, as irmãs se transferiram de São Damião para a igreja de São Jorge dentro dos muros de Assis. Em 1263, com a bula *Beata Clara*, o PP. Urbano IV criou oficialmente a *Ordem de Santa Clara* (= OSC) a partir da união de todos os mosteiros, independentemente da regra que professavam. É interessante notar que, na História da Igreja, nenhuma outra ordem feminina fora denominada com o nome de sua fundadora.

Quase 800 anos se passaram, mas os estudos sobre Clara se iniciaram somente no fim do séc. XIX e continuam a florescer até nossos dias. A partir da redescoberta das fontes documentais de Clara, hoje podemos ter um conhecimento mais científico e verdadeiro sobre sua pessoa, sua vida com Cristo no serviço à suas irmãs, portanto, sobre sua espiritualidade. Enfim,

*"nestes textos, encontrar-se-á uma mulher que construiu a sua vida sobre o fundamento do Evangelho, na sequela de sua perfeição e em cima de duas pilastras sobre o modelo da Virgem Maria de Maria de Betânia: o diálogo orante, de caráter sponsal, aos pés do Senhor, e o serviço filial e materno, na Igreja, entre as irmãs em um estilo de humildade e austera pobreza"*<sup>118</sup>.

## AS FONTES DOCUMENTAIS

As fontes documentais são a origem de uma informação, especialmente para fins de investigação e pesquisa. Elas nos permitem atingir direta e imediatamente o objeto, o assunto e a ideia de trabalho que se quer iniciar. Também nos dão a oportunidade de conhecer de perto um autor, sua personalidade, seu pensamento, sua espiritualidade etc. Em determinados contextos, *autor* e *fonte* podem ser sinônimos.

<sup>116</sup> Passaram-se dois anos entre a morte de Clara e a sua canonização. Mas como explicar esse atraso, se o próprio PP. Inocêncio IV, na ocasião dos funerais da *Plantinha de Francisco*, teria desejado celebrar uma "canonização de fato"? A estudiosa Giovanna La Grasta levanta uma hipótese, quando focaliza "*sua atenção na política papal dos últimos anos em relação à Ordem dos Frades Menores. Nos últimos meses do pontificado de Inocêncio IV, vê-se uma brusca mudança de atitude do papa para com os religiosos em geral, mas, especialmente, os frades menores. O pontífice tornou-se porta-voz das queixas do clero secular, que, por sua vez, se sentia cada vez mais usurpado dos seus direitos e privilégios na cura animarum, e também dos mestres da Universidade de Paris, que acusaram os frades de serem joaquimistas. A questão culminou com a promulgação da *Etsi animorum* de Inocêncio IV, com a qual redimensionou, consideravelmente, os privilégios dos mendicantes, pondo limites também à sua atividade apostólico-pastoral. O pontífice morreu algumas semanas após, e seu sucessor, Alexandre IV, a um mês da *Etsi animorum*, ab-rogou todas as disposições contra os frades menores"* (GUIDA, 2010, p. 24, trad. nossa, grifo do autor). E Giovanna La Grasta sustenta que: "*devido à estreita ligação entre Clara e os frades menores, é provável que, precisamente por este fato, a canonização tenha adiada*" (GUIDA, 2010, p. 24, trad. nossa).

<sup>117</sup> PEDROSO, 2004, p. 152-153.

<sup>118</sup> BOCCALI, 2013, p. 9, trad. nossa.

Em relação aos tipos de documentos<sup>119</sup>, eles se classificam em:

- a. Documentos monumentais: iconográficos, epigráficos e arqueológicos;
- b. Documentos diplomáticos: decretos, bulas ou cartas oficiais da Cúria Papal ou de bispos e príncipes; neste grupo estão também heranças ou testamentos certificados por tabeliães públicos;
- c. Documentos literários: os Escritos de Francisco e Clara de Assis, as Legendas de caráter biográfico, elaboradas de acordo com uma ordem sistemática, as compilações, as crônicas, os sermões e as coleções de *exempla*, as quais são "*histórias ou casos exemplares, que ilustram a doutrina*"<sup>120</sup>, os chamados *testemunhos menores*, quase sempre provenientes de autores de fora da Ordem (cartas, fragmentos de crônicas, etc.), alguma obra de caráter teológico-espiritual (por exemplo, *Sacrum Commercium, Dicta beati Aegidii*), obras hagiográficas relativas à vida de outros personagens canonizados (...).

Ainda quanto às fontes, elas podem ser *primárias* (ou principais) e *secundárias*. Assim, "*uma fonte primária é um documento ou qualquer fonte cuja origem remonta, grosso modo, à época que se está pesquisando, freqüentemente produzida pelas próprias pessoas estudadas*"<sup>121</sup>.

Já uma fonte secundária

*"consiste em todo trabalho que se baseia em outro, este sendo a fonte original ou primária. Tem como característica o fato de não produzir uma informação original, mas sobre ela trabalhar, procedendo a análise, ampliação, comparação, etc. A fonte secundária compõe-se de elementos derivados das obras originais, refere-se a trabalhos escritos com o objetivo de analisar e interpretar fontes primárias e, normalmente, com o auxílio e consulta de outras obras consideradas, também, fontes secundárias"*<sup>122</sup>.

A sua classificação em categorias é um processo complexo e determinado pelo valor que elas adquirem em relação ao objetivo que se propõe a alcançar com a própria pesquisa. Cada disciplina científica tem o seu próprio quadro de referência para as fontes, que, em nosso caso, se tratam, na sua grande maioria, especialmente de documentos escritos, formando, assim um complexo de textos. É fundamental notar que cada

*"texto escrito logo é uma palavra que atravessa o tempo e o espaço e estabelece um diálogo com o leitor; é um diálogo que inevitavelmente conduz ao confronto entre dois mundos, o do autor e o do leitor, com todo o patrimônio de história, de experiência pessoal e heranças culturais de um e de outro. Além do autor e do leitor, no evento da leitura<sup>123</sup> e da análise se apresenta um terceiro protagonista, ou seja, o próprio texto: também ele tem uma história, sendo o resultado final de reflexões, discussões, tentativas de redação e, às vezes, também de retoques sucessivos realizados por outros"*<sup>124</sup>.

<sup>119</sup> Cf. URIBE, 2013, p. 5.

<sup>120</sup> COELHO; AMORA; CAL, 1969, p. 318.

<sup>121</sup> *Fonte documental*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Fonte\\_documental](http://pt.wikipedia.org/wiki/Fonte_documental)>. Acesso em: 17 dez. 2019.

<sup>122</sup> Idem.

<sup>123</sup> Diante de um texto, o leitor pode assumir posturas diversas, o que pode gerar problemas que podem prejudicar um correto exercício de leitura e de análise. Por isso, pode-se fazer diferentes tipos de leitura de um texto: a) leitura fundamentalista; b) leitura ideológica; c) leitura técnica; d) leitura interrogante, e) leitura "disciplinar". Para aprofundar este tema, estudar esta obra: URIBE, 2013, p. 147-148; 150-153.

<sup>124</sup> URIBE, 2013, p. 143, trad. nossa.

A compreensão de qualquer tipo de texto requer do leitor e do estudioso certa disciplina, sobretudo quando se refere a textos escritos em língua estrangeira, vindos de outros lugares e de contextos históricos e culturais diferentes, como no caso das *Fontes Clarianas*.

Nosso propósito, portanto, não é o de fazer uma leitura espiritual das *Fontes Clarianas*, mas tentar mostrar que, antes de tudo, elas são um documento com uma finalidade específica e constituem um recurso que pode ser muito bem empregado no estudo e na pesquisa. Por outro lado, o estudo de uma fonte documental franciscana nos permitirá conhecer quais as características da espiritualidade de Francisco e Clara. Isso é inevitável!

O que faremos, portanto, é tentar colher, sobretudo os aspectos históricos, ou seja, a experiência de vida cristã de Clara que deu forma à sua espiritualidade. E a título apenas de informação, cremos que seja oportuno e proveitoso explicar alguns pontos:

- a. A teologia espiritual é "*a leitura teológica de uma vivência cristã*"<sup>125</sup>;
- b. Existe uma relação entre leitura histórica e teológica de uma fonte. E tal conhecimento nos vem através das ciências históricas, psicológicas etc. que nos dão um sério conhecimento do dado tal qual se apresenta historicamente;
- c. A vivência e a doutrina espiritual: quando nos ocupamos de um fiel cristão concreto, como, por exemplo, Francisco e Clara, pode nos ser útil distinguir entre a sua experiência espiritual e a eventual doutrina espiritual formulada por eles.

### OS MÉTODOS DE LEITURA DAS FONTES

Apresentaremos resumidamente alguns métodos de leitura das fontes a partir das indicações do estudo feito por Fernando Uribe, Covi e Raurell<sup>126</sup>, que nos oferecem três aproximações. É bom lembrar que os mesmos métodos usados para a exegese bíblica são aqueles empregados para os textos franciscanos.

- a. O método histórico-crítico: é assim chamado não porque faz referência a fatos históricos, mas porque estuda o desenvolvimento histórico do texto com critérios adequados. É um dos métodos amplamente usados na interpretação bíblica.
- b. A análise do tipo estruturalista: a diferença em relação ao método anterior é que se toma o texto do jeito que ele é. Não interessa, portanto, que o texto seja fruto da evolução de certo gênero. Devemos considerá-lo tal como ele é e tentar colher nele as suas *estruturas* profundas. O que importa é que o texto *suporta* uma interpretação particular, no sentido de que a sua análise seja corretamente conduzida evidenciando alguns elementos do próprio texto. Mais que o estudo do conteúdo do texto, será o estudo da forma pelo qual se apaixona o estruturalista.
- c. O método hermenêutico: neste método, o interesse principal se dirige a uma leitura que evidencie o diálogo entre o leitor e o texto. A pergunta de fundo é: "*Por que me dirijo a este texto? Por que eu o leio? E por que há tantos anos este texto foi escrito?*" Estes são os temas que emergem da abordagem hermenêutica. E é claro que esta leitura preferirá as *atualizações*, ou seja, a relação com a minha realidade atual, com as perguntas que a mim são colocadas, com o significado que o texto possa ter hoje para mim. Também são evidentes os riscos de uma leitura que privilegie a atualização, pois se pode fazer o texto dizer aquilo que ele não diz.

No estudo das *Fontes Franciscanas e Clarianas*, a aplicação rígida de um só método nem sempre é possível e aconselhável; aliás, não convém tornar-se escravo de um único método, que

<sup>125</sup> VAIANI, 2006, p. 16, trad. nossa.

<sup>126</sup> Cf. COVI; RAURELL, 1988, p. 80-115.

deve ser considerado bom na medida em que ele se demonstra útil. Os três que vimos rapidamente nos dão muitos instrumentos para a pesquisa, mas o objetivo, se levarmos em conta o ponto de vista da teologia espiritual, é o de entender em que medida e por que a experiência vivida por Clara é verdadeiramente cristã.

d. A leitura concordista das Fontes: a leitura *concordista*, que utiliza indistintamente diversas biografias ou diversos escritos, é um risco, pois o uso de uma biografia ou de um escrito deve respeitar o seu contexto e não deveria ser misturado com textos provenientes de outras fontes, tratando como sendo equivalentes os que provêm de épocas e contextos diferentes.

Em muitos casos, um trabalho interessante seria confrontar tradições distintas sobre um mesmo episódio: assim, o uso de fontes diferentes não só é possível, mas necessário, desde que o intuito seja o de colher as diferenças, e não de encontrar uma improvável solução que faça concordar "forçadamente" as diversas tradições. Também se deve evitar a tentação de definir qual seria a *verdadeira* versão dos fatos: será mais sábio procurar entender por que existem tais diferenças.

### AS FONTES CLARIANAS

No conjunto dos textos franciscanos primitivos, mesmo que em número menor em relação às de Francisco, as Fontes de Clarianas nos oferecem uma base histórica muito sólida que pode ser verificada nos autos do ProcC, os quais nos revelam imediatismo e espontaneidade<sup>127</sup>.

Tais fontes ocupam também um lugar de destaque na literatura franciscana, porque existe a

*"complementariedade entre os carismas de Francisco e Clara de Assis, a recíproca influência no processo vocacional dos dois santos e a parcial dependência das obras de Francisco que, de qualquer forma, os de Clara apresentam"*<sup>128</sup>.

As fontes clarianas são, portanto, uma grande riqueza que chegou até nós, pois

*"para quem queira estudar a vida das mulheres na Idade Média, o primeiro obstáculo, de fato, a ser sempre afrontado é certamente constituído pelo silêncio das fontes. As mulheres medievais são mudas. Clara de Assis é uma das pouquíssimas a ter rompido o muro do silêncio, fazendo, portanto, com que sua voz chegasse até nós"*<sup>129</sup>.

As Fontes Clarianas podem ser classificadas em dois grupos principais: o *corpus dos escritos*<sup>130</sup> de Clara, "que são homogêneos quanto ao conteúdo"<sup>131</sup>, e os *textos históricos*. Aqueles nos possibilitam ouvir a sua voz e o que ela desejou entregar ao documento escrito, enquanto estes últimos nos oferecem testemunhos sobre a experiência de sua vida cristã, mas sob a ótica dos outros e não dela mesma.

Entre os *históricos*, estão os chamados *textos hagiográficos*<sup>132</sup>, cuja função é lúdica e pedagógica<sup>133</sup>. Hoje procura-se estabelecer uma distinção elementar entre *escritos* e *textos*

<sup>127</sup> Cf. ROTZETTER, 1994, p. 21.

<sup>128</sup> URIBE, 2013, p. 99, trad. nossa.

<sup>129</sup> ZOPPETTI; BARTOLI, 1994, p. 13, trad. nossa.

<sup>130</sup> O *corpus* dos escritos de Clara, modesto se comparado, por exemplo, ao dos escritos de Francisco, é sempre suficiente para nos dar uma idéia mais do que precisa sobre seu pensamento.

<sup>131</sup> URIBE, 2013, p. 120, trad. nossa.

<sup>132</sup> "Cada texto hagiográfico está intimamente ligado a um ambiente, um grupo, um contexto que o produziu. O santo é tal na memória de um grupo de discípulos ou de fiéis que promove a sua memória. A sua memória não é somente a lembrança de um homem: é sempre também a apresentação de um modelo, de um espelho, de um exemplo fundador de um estilo de vida. (...) O texto hagiográfico fixa um duplo movimento: por um lado representa uma tomada de

*hagiográficos*. Esta diferenciação é fruto das pesquisas franciscanas dos últimos decênios, que conheceram uma virada decisiva a favor do estudo e da análise dos *escritos*, colocando, em segundo lugar os textos hagiográficos, que, na Idade Média, costumavam ser chamadas de *legendæ* (*legendas*), isto é, literalmente o que é escrito para ser lido<sup>134</sup>.

Entre elas, portanto, estão: as *legendas oficiais*, escritas a pedido do papa ou das autoridades máximas do movimento franciscano, e as *legendas não oficiais*, como textos poéticos ou alegóricos escritos por outras pessoas. É preciso estabelecer agora a diferença necessária entre textos biográficos e hagiográficos.

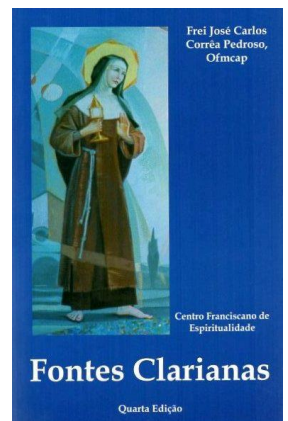
Em sentido geral, a biografia é a "*narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem*"<sup>135</sup>; já a hagiografia<sup>136</sup> tem por objetivo fundamental a edificação do leitor, tal como acontece com os Evangelhos, que não foram escritos por um interesse histórico, mas sim para que os cristãos pudessem crer. A intenção de edificar é o propósito típico da *hagiografia* medieval, onde o verdadeiro protagonista não é o santo em questão, porém, Deus.

*"Antes de tudo, o hagiógrafo deseja explicar como Deus tenha tocado o coração de um homem para fazê-lo mudar de vida e para se comunicar através dele com os homens e as mulheres de sua geração."*<sup>137</sup>

A partir de seus estudos, Fernando Uribe nos fornece informações esclarecedoras quanto à hagiografia, que é "*a ciência que se ocupa das vidas, dos feitos, do culto dos santos e de todas as coisas relacionadas a eles*"<sup>138</sup>. E ainda afirma:

*"Da hagiografia nasce a hagiologia, ou seja, a ciência que se ocupa das obras hagiográficas, de suas fontes e autores, que assinala as características do gênero hagiográfico e sua evolução na história, que propõe as normas para uma adequada interpretação, etc"*<sup>139</sup>.

No percurso evolutivo pelo qual passaram as pesquisas franciscanas, um instrumento muito útil aos estudiosos foi a publicação das *Fonti Franciscane*, em 1977, que, pela primeira vez, recolhiam em italiano todos os textos sobre Francisco e Clara conhecidos até então. Depois, em 1995, foram publicados os textos latinos com o título de *Fontes Franciscani*. Hoje também, graças aos anos de dedicação e estudo de Frei José Carlos Corrêa Pedroso, podemos contar com a valiosa publicação, em português, das Fontes Clarianas, que estão na 4ª edição e são o nosso texto-base.



*distância do momento das origens, por outro, quer indicar um percurso de retorno às próprias origens"* (BARTOLI, 2003, p. 32, trad. nossa).

<sup>133</sup> Cf. BARTOLI, 2003, p. 35.

<sup>134</sup> A palavra *legenda* vem do gerundivo latino *lĕgendus*, -a, -um do verbo *lĕgo*, *lĕgis*, *legi*, *lectum*, *lĕgerĕ* (reunir; colher; ler). O *gerundivum* tem a ver com *algo que se deve levar a cabo*. E é o nome dado ao participio passivo futuro do verbo.

<sup>135</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 292.

<sup>136</sup> Hagiografia vem do grego ἅγιος (adjetivo): santo, sagrado, e γράφω (verbo): escrever (cf. RUSCONI, 2003, p. 18, 112). Significa, portanto, o tratado do sagrado ou dos santos.

<sup>137</sup> BARTOLI, 2012, p. 10, trad. nossa.

<sup>138</sup> URIBE, 2010, p. 52, trad. nossa.

<sup>139</sup> Ibidem, p. 52, trad. nossa.

## ANEXOS

ANEXO 1 – CRONOLOGIA BÁSICA<sup>140</sup>

DATAS	FATOS
1181 (ou 1182)	Francisco nasceu na parte baixa da cidade de Assis. Seu nome era João. Era filho de Joana e de Pedro de Bernardone, rico burguês. Governo do PP. Urbano III.
1191	Eleito o PP. Celestino III, que governou a Igreja até 1198.
1193	Dia 20 jan.: Clara de Favarone nasceu na casa-torre, na Praça de São Rufino, em Assis. Filha mais velha de Hortulana e Favarone de Offreduccio. Irmãs: Catarina e Beatriz.
1198	O Card. Lotário foi eleito papa com o nome de Inocêncio III. Os assisienses sitiam a <i>Fortaleza Maior</i> , símbolo do poder.
1199	Guerra civil de Assis entre a burguesia nascente e a nobreza. A família de Clara refugiou-se no campo e fugiu de Assis para Perúgia.
1202	Batalha de Collestrada (entre Perúgia e Assis). Assis foi derrotada. Francisco preso por um ano.
1203	Francisco doente deixou a prisão e regressou a Assis.
1204	Francisco continuava doente e teve uma crise existencial.
1205	A família de Clara regressou de Perúgia para Assis. Primeiramente vieram os cavaleiros, depois, as senhoras. Nasceu Inês de Praga, aliada de Clara.
1206	Conversão de Francisco e renúncia aos bens paternos. Ele cuidava dos leprosos.
1207	Francisco restaurou São Damião e a Porciúncula.
1208	Formação da primeira fraternidade. Francisco em Rivotorto.
1209	Francisco e os primeiros companheiros estiveram em Roma. O PP. Inocêncio III aprovou a <i>forma de vida</i> deles.
1210	Os frades vão oficialmente para a Porciúncula. Encontros de Francisco com Clara, sempre acompanhada de Bona de Guelfuccio.
1211	27 mar. (Domingo de Ramos): Clara fugiu da casa paterna e foi acolhida por Francisco na vida de penitente. Dia 28 mar.: Clara foi para o mosteiro de São Paulo das Abadessas. Abr.: Inês juntou-se à Clara e com ela foi para Santo Ângelo de Panço.
1212	Francisco deu à Clara a sua primeira <i>forma de vida</i> . Francisco também partiu para a Síria.
1215	Nov.: O Concílio de Latrão IV proibiu a criação de novas regras para a vida religiosa.
1216	Clara obteve o <i>Privilégio da Pobreza</i> do PP. Inocêncio III. Dia 16 jul.: Morte do PP. Inocêncio III. Eleito o PP. Honório III.
1217	Dia 14 mai.: Capítulo geral, na Porciúncula. Os frades italianos se dividem em 6 províncias.
1218-1219	O Card. Hugolino ocupou-se dos movimentos femininos de inspiração evangélica e elaborou sua própria <i>forma de vida</i> para eles. Em 1219: Francisco se encontrou com o Sultão al-Ka-mil.
1220	De 1219-1220: Inês foi enviada ao mosteiro de Monticelli. Dia 16 jan.: Cinco frades martirizados em Marrocos. Clara desejou o martírio. Dia 29 mar.: O Card. Hugolino celebrou a Páscoa em São Damião. Francisco voltou da Terra Santa. Dia 29 set.: Renúncia de Francisco ao governo da fraternidade e nomeação de frei Pedro Cattani. Dia 22 nov.: O PP. Honório III coroou Frederico II como imp. do Ocidente.
1223	Capítulo de Pentecostes ou das Esteiras.
1223	Dia 29 nov.: Aprovada a regra de Francisco pelo PP. Honório III com a bula <i>Solet annuere</i> .
1224	Francisco aceitou que os frades estudassem Teologia. No Monte Alverne, Francisco recebeu os estigmas. Clara adoeceu progressivamente.

<sup>140</sup> PEDROSO, 2004, p. 402-410; cf. MERLO, 2005, p. 311-332.

1225	Inícios: Em São Damião, Francisco compôs o <i>Cântico Ouvi, pobrezinhas</i> . Agravou-se a doença dos olhos de Francisco. Cirurgia nos olhos no vale de Rieti.
1226	De abr-maio: Francisco esteve em Sena. Tarde de 3 out.: Francisco morreu na Porciúncula. Dia 4 out.: Seu corpo passou por São Damião e foi sepultado na Igreja de São Jorge, hoje Basílica de Santa Clara.
1227	Processo de canonização de Francisco. Dia 18 mar.: Morreu o PP. Honório III. Dia 19 mar.: O Card. Hugolino tornou-se o PP. Gregório IX. Dia 12 ago.: Reinaldo de Segni: cardeal protetor dos frades menores e das damas pobres. Dia 14 dez.: Com a bula <i>Quoties cordis</i> , o PP. Gregório IX confiou as irmãs aos frades.
1228	Dia 16 jul.: O PP. Gregório IX canonizou Francisco e visitou Clara em São Damião; Dia 12 abr.: Fundação de mosteiros na Espanha. Dia 18 ago.: O Card. Reinaldo escreveu a <i>Munificentiae Conditoris</i> a São Damião e a 23 mosteiros; 17 set.: Com a carta <i>Sicut manifestum est</i> , o PP. Gregório IX confirmou o <i>Privilégio da Pobreza</i> .
1229	O PP. Gregório IX aprova a <i>Vita Beati Francisci</i> , escrita pelo frei Tomás de Celano. Beatriz de Favarone entrou em São Damião. No verão: Empregou-se, pela primeira vez, o nome de <i>Ordem de São Damião</i> <sup>141</sup> . Dia 22 nov.: O PP. Gregório IX concedeu à Clara o solene privilégio <i>Religiosam vitam eligentibus</i> .
1230	Dia 25 mai.: Exumação e transladação do corpo de Francisco para a Basílica construída em sua honra. Dia 28 set.: No capítulo em Assis, o PP. Gregório IX promulgou a bula <i>Quo Elongatie</i> respondeu negativamente aos frades quanto ao valor jurídico do <i>Test</i> . Ele os proibiu de irem a São Damião, e Clara resistiu, conseguindo uma mudança.
1231	Morte de frei Antônio de Pádua na hospedaria do mosteiro das irmãs de Arcella em Pádua. Morte de Santa Isabel da Hungria.
1232	Dia 29 mai.: Frei Elias foi eleito ministro geral, no capítulo de Rieti.
1234	Dia 11 jun. (Pentecostes): Inês de Praga entrou na OSD. Dia 2 dez.: O PP. Gregório IX escreveu uma carta às religiosas da OSD (cf. BARTOLI, 2003, p. 114).
1235	O PP. Gregório IX foi a Assis celebrar a festa de São Francisco e foi também a São Damião.
1236	Pela carta <i>Etsi omnium illa</i> , o PP. Gregório IX mandou incluir na regra as normas sobre a clausura. A fraternidade de Clara distanciou-se da Ordem de São Damião.
1238	O mosteiro de Praga obtém do PP. Gregório IX o <i>Privilégio da Pobreza</i> , mas não a aprovação de uma regra própria.
1239	Dia 15 mai.: No capítulo geral de Roma, frei Elias foi deposto. Eleito frei Alberto de Pisa como o primeiro ministro geral sacerdote da Ordem.
1240	Set.: Pela oração, Clara salvou o mosteiro de São Damião do ataque dos sarracenos.
1241	Clara libertou Assis do ataque de Vital de Aversa. De out. a nov.: O PP. Celestino IV governou a Igreja.
1243	Eleição do PP. Inocêncio IV.
1244	O PP. Inocêncio IV refugiou-se em Lião.
1245	Dia 13 nov.: O PP. Inocêncio IV enviou às irmãs a bula <i>Solet annuere</i> e confirmou-lhes a RH.
1247	Redação da 2Cel. Dia 6 ago.: O PP. Inocêncio IV promulgou uma nova <i>forma de vida</i> para as damianitas. Elas foram autorizadas a substituírem a RSB pela Regra Bulada. Início talvez da redação da RSC (1247-1252) e também do TestC.

<sup>141</sup> "[...], em um documento episcopal, por ocasião de uma nova fundação na Lombardia." (cf. KREIDLER-KOS; RÖTTGER; KUSTER, 2008, p. 124, trad. nossa).

1248	Dia 17 jun.: Reinaldo de Segni foi confirmado o cardeal protetor dos frades menores e das irmãs.
1250	Dia 6 jun.: pela bula <i>Inter personas</i> , o PP. Inocêncio IV declarou que nenhuma irmã poderia ser forçada a aceitar sua regra. Em consequência, o Card. Reinaldo escreveu a carta <i>Etsi ea</i> , bastante dura, insistindo na RH. Agravou-se o estado de saúde de Clara.
1252	A cúria papal deixa Lião e se estabelece em Pérugia. Dia 16 set.: O Card. Reinaldo aprovou a <i>forma de vida</i> de Clara. Dia 24 dez.: Clara teve a visão da liturgia de Natal na Basílica de São Francisco.
1253	Inícios: Inês retornou de Monticelli para São Damião. Abr.: Consagração da catedral de Assis. Dia 22 abr.: Morreu frei Elias de Cortona. Dia 27 abr.: Vindo de Pérugia, o PP. Inocêncio IV foi para Assis. Mai.: O PP. Inocêncio IV visitou Clara moribunda. Dia 11 jun.: O PP Inocêncio IV consagrou a Basílica de São Francisco. Dias 6-8: O PP Inocêncio IV visitou novamente Clara. Dia 8: Clara falou à sua alma (cf. LSC 46). Dia 9: O PP. Inocêncio IV confirmou a <i>forma de vida</i> de Clara para São Damião. Dia 10: A bula com a aprovação da <i>forma de vida</i> foi levada para Clara, que a beijou. Dia 11, depois do meio-dia: Morreu Clara, em São Damião. Dia 12: Exéquias de Clara, em São Damião. Clara foi sepultada, na Igreja de São Jorge. Dia 18 out.: Com a bula <i>Gloriosus Deus</i> , o PP. Inocêncio IV pediu a abertura do ProcC. Na metade de nov.: Morte de Inês, em São Damião. Dias 24-29 nov.: Em São Damião e em Assis, realizou-se o ProcC.
1254	Dia 7 dez.: Morte do PP Inocêncio IV. Dia 15 dez.: O Card. Reinaldo foi eleito PP. Alexandre IV.
1255	Dia 15 ago.: Clara foi canonizada pelo PP. Alexandre IV, na catedral de Anagni. Dia 26 set.: A bula de canonização <i>Clara claris præclara</i> foi promulgada.
1255-1260	Frei Tomás de Celano redigiu a LSC, a <i>Admirabilis femina</i> .
1257	Eleição de frei Boaventura como ministro geral.
1259	Dia 10 mai.: Com a carta <i>Inducunt nos</i> , o PP. Alexandre IV voltou à questão da mudança das irmãs para o <i>protomosteiro</i> de Assis. Desta vez, a questão foi resolvida.
1260	O capítulo geral de Narbona pede a frei Boaventura uma nova biografia de São Francisco. De São Damião, as irmãs mudaram-se para Assis. Dia 3 out.: Traslado o corpo de Santa Clara para a basílica ao lado da Igreja de São Jorge.
1263	Dia 18 out.: Pela carta <i>Beata Clara</i> , o PP. Urbano IV promulgou uma nova forma de vida (Regra de Urbano) para as damianitas e criou a Ordem de Santa Clara (= OSC).
1266	Dia 31 dez.: O PP. Clemente IV confirmou a RSC para o <i>protomosteiro</i> .
1271	Eleito o PP. Gregório X.
1283	Um artista da Úmbria pintou a primeira biografia de Clara, que se encontra na Basílica de Santa Clara.
1288	15 fev.: Frei Jerônimo de Ascoli foi eleito Papa Nicolau IV. Dia 26 mai.: Sob o PP. Nicolau IV, o <i>protomosteiro</i> renunciou ao <i>Privilégio da Pobreza</i> .
1289	Dia 18 ago.: Com a bula <i>Supra montem</i> , o PP. Nicolau IV criou oficialmente a Ordem Franciscana Secular.
1294	Dia 24 dez.: Eleição do PP. Bonifácio VIII.
1296	Com a bula <i>Quasdam litteræ</i> , o PP. Bonifácio VIII impôs aos frades o cuidado das clarissas.
1850	Dia 30 ago.: Descoberto o sarcófago com o corpo de Santa Clara e aberto no dia 23 de set.
1872	Dia 30 out.: O corpo de Santa Clara foi levado para a cripta de sua basílica e exposto aos fiéis.
1893	Descoberta do texto original da RSC.
1920	Descoberta, em Florença, uma cópia do ProcC.

1958	Dia 14 fev.: O PP. Pio XII declarou Santa Clara padroeira da televisão.
1976	Descoberta do cântico <i>Audite, poverelle</i> , de Francisco para Clara e suas irmãs.
1982	Dia 12 nov.: o PP. João Paulo II canonizou Inês de Praga.
1987	Dia 11 abr.: Depois de adequado reconhecimento, o corpo de Santa Clara voltou à basílica.
1993	Celebraram-se os 800 anos do nascimento de Santa Clara.
2012	Celebraram-se os 800 anos do carisma de Santa Clara.

## ANEXO 2 – QUADROS NA CAPA DESTA APOSTILA – DETALHES

### Mestre de Santa Clara. *Clara, história da vida e milagres.*

#### Quadro, 1283, Assis, Basílica de Santa Clara.

Feita em 1283, sob o pontificado do PP. Martinho IV, a obra "Quadro do Mestre de Santa Clara" contém cenas sobre a vida dela e referem-se à *Legenda de Santa Clara Virgem*, de frei Tomás de Celano.

As cenas biográficas e narrativas acenam à infância de Clara, à sua passagem para a vida religiosa, à sua morte e aos seus funerais. Há pouca referência a ela como abadessa e aos seus milagres. Nota-se a presença de Francisco em algumas cenas, o que confere autoridade à Clara e à Ordem por ele fundada.

Na opinião de Debby, a importância que é dada à vocação de Clara e Inês, colocando em destaque a sucesso que tiveram sobre a oposição de seus familiares, pode ser lida como um convite feito a outras mulheres para que entrassem na Ordem de Clara.

O painel é de formato retangular e mede 27,6 x 16,3cm. O campo do ícone está dividido em 3 campos por 2 colunas pintadas das quais saem 2 arcos ogivais; os triângulos são ocupados por 2 anjos que voam. Nos dois lados, estão pintados 8 episódios da vida de Santa Clara. A narrativa se desenvolve em sentido anti-horário, partindo de baixo à esquerda.

### ABREVIATURAS E EXPRESSÕES

• 2Cel	- Segunda Vida de Tomás de Celano	• p.	- página(s)
• 4CtIn	- Quarta Carta a Inês de Praga	• PP.	- Papa
• Card.	- Cardeal	• ProcC	- Processo de Canonização de Clara
• Cf./cf.	- confrontar, conferir	• RB	- Regra bulada de São Francisco
• D.	- Dom	• RH	- Regra do Card. Hugolino
• dir.	- diretor; direção	• RNB	- Regra não bulada de São Francisco
• ed.	- edição	• RSB	- Regra de São Bento
• et al.	- e outros	• RSC	- Regra de Santa Clara
• Fl	- Carta de S. Paulo aos Filipenses	• séc.	- século, séculos
• Imp.	- Imperador	• Test	- Testamento de São Francisco
• Ir.	- Irmã (religiosa)	• TestC	- Testamento de Santa Clara
• loc. cit.	- mesmo local citado	• Trad.	- Tradução; Traduzione; Traducción
• LSC	- Legenda de Santa Clara Virgem	• v(v).	- verso(s)
• nº/n.	- número	• vol.	- volume
• org.	- organizador	• VOLP	- Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
• orient. cient.	- orientação científica		
• OSD	- Ordem de São Damião		

OBS. PARA ESTA APOSTILA, QUE É DE USO INTERNO E EXCLUSIVO DO CENTRO FRANCISCANO DE ESPIRITUALIDADE, NÃO OBSERVAMOS RIGOROSAMENTE AS NORMAS METODOLÓGICAS DA ABNT.

## REFERÊNCIAS E SUGESTÕES PARA APROFUNDAMENTO

- ACCROCCA, Felice. *La conversione di Chiara d'Assisi: un percorso attraverso le Fonti*. 1. ed. Assisi: Porziuncola, 2012. (Collana La via di Chiara)
- ACQUADRO, Chiara Agnese. *Sulle orme di Gesù povero: Chiara d'Assisi e il suo itinerario di vita*. 1. ed. Assisi: Porziuncola, 2014. (Collana La via di Chiara)
- ALBERIGO, Giuseppe (org.). *História dos concílios ecumênicos*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1995.
- ALBERZONI, Maria Pia. *Chiara e il papato*. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 1995. (Aleph, n. 3)
- BARBERO, Alessandro; FRUGONI, Chiara. *Dizionario del Medioevo*. 6. ed. Roma-Bari: Laterza, 2011. (Economica Laterza, n. 224)
- BARTOLI, Marco. *Chiara: una donna tra silenzio e memoria*. 2. ed. Milano: San Paolo, 2003. (Tempi e figure, n. 37)
- \_\_\_\_\_. *La santità di Chiara d'Assisi: una lettura storica delle Fonti*. Assisi: Porziuncola, 2012. (Collana La via di Chiara)
- BENKE, Christoph. *Breve história da espiritualidade cristã*. Trad. Haroldo Heimer e Ivoni Richter Reimer. Aparecida, SP: Santuário, 2011.
- BOCCALI, Giovanni (org.). *Fonti clariane: documentazione antica su santa Chiara di Assisi. Scritti, biografie, testimonianze, testi liturgici e sermoni*. 1. ed. Assisi: Porziuncola, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Santa Chiara d'Assisi sotto processo: lettura storico-teologica degli Atti di canonizzazione*. Assisi: Porziuncola, 2003.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Nova edição, revista e ampliada*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CARNEY, Margaret. *A primeira franciscana: Clara de Assis e sua forma de vida*. Trad. José Carlos Corrêa Pedrosa. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1997.
- CAROLI, Ernesto. *Fonti Francescane. Nuova edizione: scritti e biografie di san Francesco d'Assisi, cronache e altre testimonianze del primo secolo franciscano, scritti e biografie di santa Chiara d'Assisi, testi normativi dell'Ordine Franciscano Secolare*. Padova: Editrici Francescane, 2004.
- CASAGRANDE, Giovanna. *Intorno a Chiara. Il tempo della svolta: le compagne, i monasteri, la devozione*. Assisi: Porziuncola, 2011. (Viator, n. 13)
- CASTELEIRO, João Malaca (orient. cient.). *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2009.
- CASTIGLIONI, Luigi; MARIOTTI, Scevola. *Vocabolario della lingua latina: latino-italiano – italiano-latino*. 3. ed. Roma: Loescher, 1996.
- CHRONICA XXIV GENERALIUM ORDINIS MINORUM cum pluribus appendicibus inter quas excellit hucusque ineditus Liber de laudibus s. Francisci, fr. Bernardi a Bessa, edita a patribus Collegii S. Bonaventurae, Ad Claras Aquas (Quaracchi), ex Typographia Collegii S. Bonaventurae, 1897 (Analecta franciscana, n. III).
- COELHO, Jacinto do Prado; AMORA, António Soares; CAL, Ernesto Guerra da. *Dicionário de literatura: literatura brasileira, literatura portuguesa, literatura galega e estilística literária, vol. I A-M*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Publicações, 1969.
- COVI, E.; RAURELL, F. *Metodi di lettura delle fonti francescane*. Roma: Collegio s. Lorenzo da Brindisi, 1988. (Dimensioni Spirituali IX)
- CREMASCHI, Chiara Giovanna. *Clara de Assis: um silêncio que grita. Biografia histórica*. Trad. Maria José Carvalho. Braga: Editorial Franciscana, 2013.
- DACA Edizioni. *Basilica di Santa chiara. Mestre di Santa Chiara (sec. XII)*.
- DALARUN, Jacques. *Governar é servir: ensaio sobre democracia medieval*. Trad. Igor S. Teixeira. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021. (Coleção Estudos Medievais)

- DEBBY, Nirit Ben-Aryeh. *Iconografia di Santa Chiara d'Assisi in Italia tra Medioevo e Rinascimento*. Trad. di Anastazja Buttitta. Milano: Biblioteca Francescana, 2017. (Con gli occhi dello Spirito, n. 7)
- ERASMI, Maurizio. *Chiara d'Assisi: la fecondità storica di un carisma*. Padova: Messaggero, 2008. (Studi francescani, n. 16)
- ESCOBAR, Fernando Uribe. *L'identità francescana: Contenuti fondamentali del carisma di san Francesco d'Assisi*. Trad. Paolo Canali. Milano: Biblioteca Francescana, 2019. (Tau, n. 22)
- FEDERAZIONE S. CHIARA DI ASSISI DELLE CLARISSE DI UMBRIA-SARDEGNA. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative. Sinossi cromatica*. Padova: Messaggero, 2003. (Secundum Perfectionem Sancti Evangelii: la forma di vita dell'Ordine delle Sorelle povere, vol. 1)
- \_\_\_\_\_. *Il Vangelo come forma di vita: In ascolto di Chiara nella sua Regola*. Padova: Messaggero, 2007. (Secundum Perfectionem Sancti Evangelii: La forma di vita dell'Ordine delle Sorelle povere, vol. 3)
- FREEMAN, Gerard Pieter. *Il cingolo di santa Chiara: nuovi contributi documentari sugli inizi del movimento clariano*. Milano: Biblioteca Francescana, 2014. (Tau, n. 17)
- FRUGONI, Chiara. *Una solitudine abitata: Chiara d'Assisi*. 1. ed. Roma-Bari: Laterza, 2006. (I Robinson – Letture)
- FUSCIELLO, Clara Maria. *Questo è il mio corpo: Chiara di Assisi e l'Eucaristia*. Assisi: Porziuncola, 2015. (Collana La via di Chiara)
- GOULLET, Monique; PARISSÉ, Michel. *Aprenda o latim medieval: manual para um grande começo*. Campinas, SP: EDITORA DA UNICAMP, 2019.
- GUIDA, Marco. *Una legenda in cerca d'autore: la Vita di santa Chiara d'Assisi. Studio delle fonti e sinossi intertestuale*. Bruxelles: Société des Bollandistes, 2010. (Subsidia hagiográfica, n. 90)
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KREIDLER-KOS, Martina; RÖTTGER, Ancilla; KUSTER, Niklaus. *Clara de Asís, amiga del silencio, hermana de la ciudad*. Trad. P. Jesús Izaguirre. Barcelona: Herder, 2008.
- KUSTER, Niklaus. *Francisco e Clara. Dupla biografia*. Trad. Fr. José António Correia Pereira. Editorial Franciscana, 2019.
- LAINATI, Chiara Augusta. *Clara, a primeira plantinha de Francisco*. Trad. Leonilda Menossi. São Paulo: Paulinas, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Santa Chiara d'Assisi: contemplare la bellezza di un Dio sposo*. Padova: Messaggero, 2008. (Studi francescani, n. 15)
- LEHMANN, Leonhard. *La questione del testamento di S. Chiara*. In: CLARA CLARIS PRAECLARA. Atti del Convegno Internazionale Clara Claris Praeclara. Assisi 20-22 novembre 2003. Assisi: Porziuncola, 2004.
- \_\_\_\_\_. *L'autenticità del Testamento di santa Chiara: un confronto con le sue lettere*. Milano: Biblioteca Francescana, 2013. (Aleph, n. 5)
- MALECZEK, Werner. *Chiara d'Assisi: la questione dell'autenticità del Privilegium Paupertatis e del Testamento*. Trad. Maria Pia Alberzoni. Milano: Biblioteca Francescana, 1996. (Aleph, n. 4)
- MARANESI, Pietro. *Chiara e Francesco: due volti dello stesso sogno*. Assisi: Cittadella Editrice, 2015. (Itinera Franciscana, n. 8)
- \_\_\_\_\_. *La clausura di Chiara d'Assisi: un valore o una necessità?* 1. ed. Assisi: Porziuncola, 2012. (Collana Studi e Ricerche)
- MARANESI, Pietro; GUIDA, Marco. *L'autorità del servo e della madre: Ideali e forme di governo in Francesco e Chiara di Assisi*. Assisi: Cittadella Editrice, 2019. (Itinera Franciscana, n. 15)
- MENESTÒ, Enrico et al. *Fontes franciscani*. Assisi: Porziuncola, 1995. (Testi, n. 2).

- MERLO, Grado Giovanni. *Em nome de São Francisco: história dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI*. Trad. Ary E. Pintarelli. Petrópolis: Vozes-FFB, 2005.
- MICHETTI, Raimondo. *Francesco d'Assisi e il paradosso dela Minoritas. La Vita beati Francisci di Tommaso da Celano*. Roma: Istituto storico italiano per il Medio Evo, 2004. (Nuovi studi storici, n. 66)
- OMAECHEVARRIA, Ignacio. *Escritos de Santa Clara y documentos complementários. Edición bilingüe*. 6. impresión. Madrid: Editorial Católica, 2015. (Biblioteca de Autores Cristianos, n. 314)
- PAOLAZZI, Carlo. *Il Testamento di Chiara d'Assisi: messaggio e autenticità*. Milano: Biblioteca Franciscana, 2013.
- PATOTA, Giuseppe (dir.). *Il grande dizionario Garzanti della lingua italiana*. Edizione aggiornata. Torino: De Agostini Scuola, 2010.
- PEDROSO, José Carlos Corrêa. *Abrace o Cristo pobre: a espiritualidade de Santa Clara*. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 2012.
- RADI, Luciano. *Vida de Clara de Assis*. Trad. Artur D. Neto. Aparecida, SP: Santuário, 1996.
- RAVIZZA, João. *Gramática latina*. Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2020.
- ROMANO, Gaetano Moroni (comp.). *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica*. Venezia: Tipografia Emiliana, 1845. (Volume 32 – GOV-GRE)
- \_\_\_\_\_. *Fontes Clarianas*. 4. ed. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 2004.
- ROTZETTER, Anton. *Clara de Assis: a primeira mulher franciscana*. Trad. Carlos Almeida. Petrópolis: Vozes-CEFEPAL, 1994.
- RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. Trad. Irineu Rabuske. São paulo: Paulus, 2003. (Dicionários)
- SILVEIRA, Ildelfonso; REIS, Orlando dos. *São Francisco de Assis: Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 7. ed. Petrópolis: Vozes-CEFEPAL, 1996.
- SPATARO, Alberto. *Velud fulgor meridianus. La 'vita' di Papa Gregorio IX. Edizione, traduzione e commento*. Milano: Vita e Pensiero, 2018. (Ordines. Studi su istituzioni e società nel medioevo europeo, n. 8)
- URIBE, Fernando. *Introducción a las hagiografías de San Francisco y Santa Clara de Asís (siglos XIII y XIV)*. 2. ed. amp. Murcia: Instituto Teológico de Murcia, 2010. (Serie Mayor, n. 30)
- \_\_\_\_\_. *Leggere Francesco e Chiara d'Assisi: introduzione generale e guida metodologica ai loro scritti*. Trad. Paolo Canali. Milano: Biblioteca Franciscana, 2013. (Tau, n. 14)
- \_\_\_\_\_. *Teologia e fonti francescani: indicazioni di metodo*. Milano: Biblioteca Franciscana, 2006. (Presenza di san Francesco, n. 46)
- VAIANI, Cesare. *Francesco e Chiara d'Assisi: analisi del loro rapporto nelle fonti biografiche e negli scritti*. Milano: Glossa, 2004. (Conscientia, n. 2)
- ZOPPETTI, Giorgio Ginepro; BARTOLI, Marco. *Santa Chiara d'Assisi: scritti e documenti*. Padova: Editrici Francescane, 1994.



**Centro Franciscano de Espiritualidade**

**Piracicaba – SP – Agosto 2021**